

TERESA CRISTINA DE OLIVEIRA SILVA

A influência do pai pessoal na construção do ideal de paternidade.

Uma pesquisa com pais primários na Abordagem Junguiana.

PUC – COGEAE

São Paulo

2010

TERESA CRISTINA DE OLIVEIRA SILVA

A influência do pai pessoal na construção do ideal de paternidade.

Uma pesquisa com pais primários na Abordagem Junguiana.

Trabalho de Conclusão para obtenção do título
de Especialista na Abordagem Junguiana, sob
orientação do Prof. Dr. Durval Luís de Faria.

PUC - COGEAE

São Paulo

2010

Dedico este trabalho aos futuros pais que participaram da pesquisa, e especialmente ao meu pai, por todo o apoio recebido, em todos os projetos e aspirações de minha vida.

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, por todos os incentivos, e por acreditar em meu trabalho.

À minha mãe, pelo seu exemplo de dedicação e pelo apoio durante os momentos difíceis.

Ao meu marido, pela compreensão durante as muitas horas dedicadas a esta pesquisa, e por estar sempre ao meu lado.

Aos amigos Simone e Francisco, pelo auxílio na busca pelos voluntários para as entrevistas.

Ao Prof. Durval, pelas suas orientações e por compartilhar seus conhecimentos.

Título: A Influência do pai pessoal na construção do ideal de paternidade – Uma pesquisa com pais primíparos na Abordagem Junguiana.

Autora: Teresa Cristina De Oliveira Silva

Orientador: Prof. Dr. Durval Luís De Faria

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo investigar como homens que estão aguardando a chegada do primeiro filho vivenciam esta experiência, suas fantasias, expectativas e sentimentos relacionados ao acompanhamento da gestação de suas companheiras. Procurou-se compreender de que maneira a relação destes homens como pai pessoal influencia nestes sentimentos e expectativas. Considera-se nesta pesquisa todas as mudanças sócio-econômicas que vieram trazer modificações na estrutura familiar desde o século XIX, e a partir destes dados, realizou-se uma análise das mudanças ocorridas na representação social da paternidade. Além dos fatores sócio-culturais, busca-se compreender, a partir dos referenciais da Psicologia Analítica, de que maneira o homem contemporâneo lida com estas mudanças sociais, e como vivencia o momento de transição para a paternidade. Para alcançar este objetivo, foi realizada uma pesquisa qualitativa, onde três participantes foram submetidos a uma entrevista semi-dirigida, avaliada posteriormente dentro dos fundamentos da Psicologia Analítica. Para a fundamentação teórica, foram utilizadas algumas obras de Carl Gustav Jung, assim como outros autores junguianos.

Palavras – chave: paternidade, gravidez, patriarcado, família, transição.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	PAG.06
CAPÍTULO 1 - CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS	PAG.11
1.1 A ORIGEM DA CONSCIÊNCIA	PAG.11
1.2 PERSONA, SOMBRA, ANIMA E ANIMUS	PAG.14
CAPÍTULO 2 – A TRANSIÇÃO PARA A CONSCIÊNCIA PATRIARCAL	PAG.17
CAPÍTULO 3 – AS TRANSFORMAÇÕES NA INSTITUIÇÃO FAMILIAR	PAG.23
CAPÍTULO 4 – A CONSTRUÇÃO DO IDEAL DE PATERNIDADE	PAG.28
CAPÍTULO 5 - OBJETIVO	PAG.31
CAPÍTULO 6 – MÉTODO	PAG.32
6.1 INTRODUÇÃO	PAG.32
6.2 PROCEDIMENTO	PAG.32
6.3 PARTICIPANTES	PAG.33
6.4 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DOS RESULTADOS	PAG.34
6.5 CUIDADOS ÉTICOS	PAG.35
CAPÍTULO 7 – RESULTADOS E ANÁLISE	PAG.36
CAPÍTULO 8 – DISCUSSÃO	PAG.48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	PAG.50
REFERÊNCIAS	PAG.53
ANEXOS	PAG.56

INTRODUÇÃO

A figura do pai vem sofrendo diversas mudanças nas últimas décadas. Estas transformações devem-se, em grande parte, à saída da mulher para o mundo exterior à família, o que alterou profundamente as relações familiares e conjugais. O pai está no processo de deixar o papel estrito de provedor, para ocupar um novo lugar na família e na relação conjugal. Um lugar onde passa a ser necessária a divisão de tarefas, a ajuda nos cuidados com os filhos, tarefas antes restritas ao universo feminino.

PICCININI, SILVA *et al.* (2003) tratam desta questão:

Recentemente, autores como Parke (1996) assinalaram que os pais vêm assumindo outras tarefas com relação aos filhos, sendo que o estereótipo do pai incompetente e desinteressado em relação aos cuidados primários não vem sendo confirmado por muitos estudos recentes. Segundo o autor, o grande envolvimento das mulheres no campo profissional e o novo papel social do trabalho feminino, dentre outros fatores sócio-econômicos, vêm abrindo espaços para a participação dos pais nos cuidados com seus filhos. Desta forma, os pais estariam mais ativos em sua parentalidade, exercendo influências diretas sobre o desenvolvimento de seus filhos.

Neste novo espaço, existe a possibilidade de maior interação entre pais e filhos, demonstrações de afeto, relações acrescidas de corporalidade, e conseqüentemente maior intimidade. Todas estas mudanças contrastam fortemente com a imagem do patriarca, distante física e emocionalmente da família, e que limitava-se a cumprir o seu papel de provedor e cuidador da moral familiar.

Segundo PRADO (1997) este modelo perdurou durante muito tempo na América Colonial, e a partir das mudanças econômicas e industriais, entre 1900 e 1970, este padrão começou a se alterar, devido à participação da mulher na economia.

O modelo ideal de paternidade era o de patriarca, pouco afetivo, que exercia o poder na família. Cabia a ele a responsabilidade de assegurar que suas crianças crescessem com um senso apropriado de valores e honra e adquirissem condutas religiosas. Com a industrialização, o ideal de

paternidade que emergiu entre a classe média foi o de único provedor econômico - ficava submetido a essa condição o valor moral do homem em sociedade. (Pleck e Pleck, apud PRADO, PIOVANOTTI, e outros, 1997).

Latry (1995), trata também deste tema, e afirma:

Em geral a história do pai é a história de um ausente. Trata-se daquele que gostaria de estar lá, mas que não pode por causa das obrigações profissionais. Ou ausente porque mesmo estando lá fisicamente, ele pensa que somente a mãe deve estar presente junto aos filhos. (LATRY, 1995, p.03).

Agora, o novo pai começa a percorrer novos caminhos, um lugar em construção e pouco explorado, onde pode entrar em contato com seu lado feminino. Porém, por ser um lugar novo, pode ser marcado por conflitos entre a imagem tradicional e estereotipada de patriarca e o novo modelo que surge na contemporaneidade. É um período de transição, e penso que com as novas possibilidades que o homem enxerga hoje à sua frente, talvez seja possível vivenciar a relação pai-filho de maneira diferente.

(...) Existe uma nova consciência de que criar um filho é também função do pai, mas ainda não há clareza quanto a este novo papel, e aqueles homens que assumem esta responsabilidade nem sempre recebem apoio social. (BRAZELTON, apud PICCININI, SILVA e outros, 1988).

Neste presente trabalho, procuro investigar como é vivido este momento de transição por estes homens, mais especificamente por futuros pais, que acompanham a gestação de suas companheiras. A fase de gestação já inicia o processo de mudança para o casal, tanto em relação às adaptações externas que se fazem necessárias (planejamento financeiro, preocupações com o futuro do bebê), como em relação às mudanças internas que começam a ocorrer (sentimentos relacionados à relação conjugal, ao futuro relacionamento com o filho):

A gestação funciona, para os pais, como um período de preparação para os novos papéis que deverão assumir, frente ao bebê e a tudo que ele irá exigir. A elaboração das fantasias e sentimentos, a revisão da sua própria infância e dos papéis parentais, bem como as preocupações decorrentes desta transição, são algumas das características desta etapa do desenvolvimento. (Brazelton, 1988; Levy-Shiff & Israelashvili, apud PICCININI, SILVA e outros, 1988).

Neste contexto, a imagem de pai internalizada pelo homem que aguarda a chegada de seu filho pode influenciar de maneira direta suas expectativas, preocupações e sentimentos em relação a esta criança. Jung (1948) considera que a vivência com o pai, especialmente no período da infância, influencia o indivíduo por toda a sua vida, fazendo sua energia psíquica retornar e reviver estas experiências do passado, quando diante de situações importantes em sua vida:

O relacionamento com os pais é, de fato, o canal infantil por excelência por onde flui de volta a libido ao encontrar obstáculos na vida posterior e por meio o qual revive conteúdos psíquicos da infância, já de há muito esquecidos. Sempre é um obstáculo grande demais, de uma decepção muito ameaçadora ou do risco de uma decisão muito importante, então a energia acumulada para resolver a tarefa flui de volta e torna a encher os antigos leitões, os sistemas obsoletos do passado. (JUNG, 1948, p. 295).

Desta forma, o futuro pai pode reviver conteúdos de sua própria infância no momento em que aguarda a chegada de seu filho, e estas experiências passadas podem influenciar sua relação futura com a criança.

Assim, a partir da reflexão sobre todos estes fatores, de que maneira é vivenciada hoje a espera do primeiro filho, para o homem contemporâneo, considerando as influências trazidas da relação com seu pai pessoal? Quais são suas expectativas, sentimentos e fantasias em relação ao exercício da paternidade?

Sendo esta pesquisa orientada pela abordagem junguiana, abordo tanto o pai pessoal, considerando a história de vida do indivíduo, e os fatores sociais/culturais, como

também o pai arquetípico, o que existe de universal na paternidade, e que permeia o inconsciente de todos nós. Conforme Almeida (2007), “(...) há sempre algo de universal no pai. É o que se entende por pai arquetípico e que se desdobra em papéis ou funções ou mesmo sentimentos, que são potenciais para todos os pais ou para qualquer um em relação ao pai”. (p. 87/88).

A partir destes fatos, considero importante nessa pesquisa, enfatizar não apenas o aspecto subjetivo da paternidade, mas também o aspecto universal, arquetípico. Segundo Jung (1948), a influência do pai pessoal na vida de um indivíduo é ampliada devido ao poder do arquétipo, ou seja, antes da figura do pai real, existe o pai universal, aquele que tem poderes sobre-humanos, aquele que, muitas vezes, manifesta-se através de uma imagem de divindade: “(...) atrás do pai existe o arquétipo do pai e neste tipo preexistente está o segredo do poder paterno, a exemplo da força que leva o pássaro a migrar. Esta força não é produzida por ele, mas provém dos antepassados”.

Além de meu interesse pessoal pelo tema, considero a importância desta pesquisa devido à escassez de publicações a respeito da paternidade, o que me faz refletir sobre o pequeno espaço ocupado pelo pai durante o processo de gestação. BORNHOLDT, WAGNER e outros (2007) escrevem sobre esta questão:

(...) Uma consulta realizada em uma importante base de dados referente aos últimos quatro anos (WebScience, 2003-2006) identificou haver 1740 artigos que abordavam o assunto "a gravidez e a mãe" e apenas 145 artigos que abordavam a "a gravidez e o pai". Ainda que seja compreensível que a mãe, neste momento do ciclo vital, seja enfaticamente estudada, questiona-se por que as mudanças que ocorrem com o pai, ainda hoje, recebem atenção tão reduzida.

Este trabalho foi realizado através do método de pesquisa qualitativa. O procedimento utilizado foi o de entrevista semi-dirigida, aplicada em homens de idade entre 35 e 37 anos, nível sócio-econômico mediano, que aguardam a chegada do primeiro filho.

O primeiro capítulo aborda as considerações teóricas necessárias para que possamos articular nosso pensamento com a abordagem junguiana. Os conceitos de arquétipo, sombra e persona são explorados, assim como as noções sobre animus e anima. Veremos como estes conceitos contribuem para a compreensão deste fenômeno de constantes transformações na vida do homem contemporâneo.

No segundo capítulo, será estudada a influência da consciência patriarcal na construção da paternidade, assim como a relação desta consciência com o matriarcado, uma fase anterior, e como podemos compreender hoje estas relações.

O capítulo três consiste em uma revisão histórica / cultural a respeito das mudanças ocorridas em relação à paternidade nas últimas décadas.

Após, no quarto capítulo, procuramos compreender, a partir da contribuição de alguns autores, como o homem contemporâneo busca adaptar-se às transformações implicadas no processo de transição para a paternidade.

Em seguida, no capítulo cinco, os objetivos desta pesquisa.

No capítulo seis, o método utilizado, com os temas selecionados para as entrevistas.

No sétimo capítulo, os resultados obtidos juntamente com a análise dos dados.

No capítulo oito, a discussão.

Após a discussão, as considerações finais.

CAPÍTULO 1

CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

1. A ORIGEM DA CONSCIÊNCIA

Para explorar o pensamento junguiano, é necessário que sejam estudados alguns conceitos básicos, para que possamos, mais à frente, compreender melhor os fenômenos psíquicos que participam deste incessante processo de transformação social e cultural que envolve a paternidade.

Inicialmente, para dissertar sobre a psicologia junguiana, é fundamental um estudo sobre a origem da consciência. E para chegar até este termo, devemos saber que existe uma instância psíquica de onde a consciência egóica surgiu, uma instância anterior a ela, o Self.

O Self corresponde à Totalidade psíquica, pois ele engloba a consciência e o inconsciente. Jung (1976), fala sobre esta relação, sendo que se refere ao ego como “Eu”, e ao Self como “Eu Mesmo”:

Distingo, portanto, entre o Eu e o Eu Mesmo, em que o Eu é somente o sujeito de minha consciência e o Eu Mesmo é o sujeito de toda a minha psique, inclusive do inconsciente. Portanto, nesta acepção, o Eu Mesmo seria uma grandeza (ideal) em que o Eu estaria abrangido.
(JUNG, 1976, p. 498)

O Self, por constituir a totalidade psíquica, não conhece as polaridades, as separações que posteriormente são efetuadas pelo ego, como prazer/desprazer, bem/mal, feminino/masculino, etc. O Self contém a unidade, a indiferenciação, e portanto, não separa. Quem fará esta diferenciação será o ego, como veremos a seguir.

Para compreender melhor este processo de transição em que, a partir do Self, surge o ego, podemos pensar na fase inicial do desenvolvimento humano.

Durante a gestação, na fase embrionária, o feto encontra-se em uma situação denominada por muitos autores como “paradisíaca”, pois como não existe o ego, a

consciência de si mesmo, também não existe o “outro”, e portanto, não existem tensões ou conflitos. Esta fase, segundo Neumann (1980) é inconscientemente buscada por todos os seres humanos, é uma tentativa constante e instintiva que existe na psique humana de retornar a este estado de isenção de conflitos.

(...) Por isso, a experiência desta fase, que deixa suas marcas em todo o desenvolvimento posterior, é de particular importância para a psicologia dos indivíduos criativos, constitui-se numa fonte de perene nostalgia, que pode ter no adulto um efeito tanto regressivo como progressivo.
(NEUMANN, 1980, p.14)

Esta fase, segundo Neumann (ibidem), também é conhecida como urobórica, fazendo alusão ao *uroboros*, a serpente mitológica que morde a própria cauda, simbolizando a ausência do opostos, ou seja, ausência de tensões psíquicas. O uroboros representa a ausência de consciência egóica, a indiferenciação.

Na primeira fase de sua vida, logo após o nascimento, a criança ainda encontra-se “imersa” no Self, ou seja, ela ainda não possui consciência de si mesma, não se reconhece como um indivíduo, e torna-se presente no mundo através da mãe.

Com o nascimento do corpo, a ligação da criança com sua mãe em parte é rompida, mas a importância da segunda fase embrionária específica do homem é precisamente o fato de, após o nascimento, a criança permanecer parcialmente retida na relação embrionária primal com a mãe. A criança ainda não se tornou ela mesma. Ela só se torna ela mesma ao longo dessa relação primal, cujo processo se completa normalmente apenas após o primeiro ano de vida. (NEUMANN, 1980, p.12)

Esta situação começa a se modificar a partir do momento em que a criança começa a perceber a existência do “outro” fora de si, quando ela deixa sua existência narcísica, e passa a perceber a relação eu-tu. Esta fase de transição acontece na relação com a mãe, quando a criança passa a diferenciar-se. Neumann (ibidem) fala sobre esta transição, quando ocorre de maneira saudável, ou seja, quando a criança encontra o acolhimento materno de forma suficiente:

A base indispensável para o desenvolvimento do ego da criança é a figura da mãe representando uma grande mãe arquetípica, que proporciona não apenas prazer, mas também compensação, segurança e proteção. O Ego, de início sonolento durante a maior parte do tempo, emergindo apenas em impulsos isolados que se tornam gradualmente mais freqüentes, mais ativos e independentes à medida que a criança se diferencia da mãe, caracteriza-se por um processo de integração que a mãe torna possível e do qual se apresenta como modelo. (NEUMANN, 1980, p.34).

Assim, paulatinamente, a partir das sensações de prazer/desprazer, conforto/desconforto, a criança começa a polarizar e a se diferenciar da mãe. Começa a surgir a consciência de si mesmo, o Ego. E com as polarizações, as tensões e os conflitos tornam-se parte da existência deste novo ser.

Jung, quando apresentou o conceito de Self, o caracterizou como um arquétipo, ou seja, ele existe a priori na psique humana. Não é possível chegar à origem de um arquétipo, mas é possível observar as suas manifestações, através dos símbolos nas religiões, na mitologia, nas artes e nas produções oníricas de qualquer indivíduo. Estes se manifestam também nas relações humanas, e apresentam-se sempre que uma situação comum a todos os seres humanos se constela, como por exemplo, a morte, o nascimento, a paternidade, a maternidade, ou seja, situações universais, oriundas do inconsciente coletivo. “O arquétipo é, na realidade, uma tendência instintiva, tão marcada como o impulso das aves para fazer seu ninho ou o das formigas para se organizarem em colônias”. (JUNG, 1964, p.67)

O Self, sendo o arquétipo da Totalidade, manifesta-se comumente nas religiões, na representação de Deus, em suas várias formas, em todos os tempos da humanidade.

Com o surgimento da consciência egóica e das polaridades, os princípios que originalmente apresentam-se como uma unidade no inconsciente se separam, como os princípios masculino e feminino, o bem e o mal. A partir daqui, podemos falar então sobre persona, sombra, anima e animus.

1.2 PERSONA, SOMBRA, ANIMA E ANIMUS

A persona pode ser entendida como um instrumento de adaptação social, e por isso, pode modificar-se de acordo com a cultura. Sendo um conceito permeado pelos aspectos culturais, influencia-se pelo que é aceito socialmente em determinado momento da cultura, cumprindo uma função para o sujeito.

A persona é um constructo psicológico e social adotado para um fim específico. Jung escolheu-o para sua teoria psicológica porque se relaciona com o desempenho de papéis na sociedade. Ele estava interessado em apurar como as pessoas chegam a desempenhar determinados papéis, a adotar atitudes coletivas convencionais e a representar estereótipos sociais e culturais, em vez de assumirem e viverem sua própria unicidade. (STEIN, 2006 p.102).

Os problemas surgem quando existe uma identificação com este papel social, e consequentemente, a individualidade passa a ser suprimida, relegada à sombra. Assim, o indivíduo torna-se apenas aquilo que esperam que ele seja, e sua personalidade integral fica ameaçada. “Na medida em que a consciência do ego de uma pessoa é identificada com a persona e está de pleno acordo com ela, não há lugar para qualidades de personalidade e expressão de individualidade que divirjam das imagens coletivas.” (STEIN, 2006, p.127).

Assim, ocorre uma separação entre o que é “desejável” e o que não é aceito socialmente. O que não for aceito, é relegado a uma instância psíquica, a qual Jung denomina sombra. “O que a consciência do ego rejeita torna-se sombra; o que ela positivamente aceita, aquilo com que se identifica e absorve em si, torna-se parte integrante de si mesma e da persona”. (*idem, ibidem*, p.100).

Portanto, a sombra pode ser compreendida como a instância psíquica em que os potenciais não aceitos pelo ego são depositados, porém, tais potenciais ficam ativos no inconsciente, podendo ser projetados no mundo externo, ou o indivíduo pode relacionar-se com estes aspectos sombrios através dos símbolos oníricos.

A partir da elucidação destes conceitos, podemos compreender agora a anima e o animus. Ambas palavras derivam do latim, sendo que anima significa “alma”, e animus, “espírito”. Em seguida, poderemos compreender melhor estes significados, que nos levam a pensar em como estas duas instâncias psíquicas auxiliam o indivíduo a religar-se com seu interior profundo.

Como anima, podemos entender que são aspectos do feminino inconsciente no homem, e como animus, aspectos do masculino existentes no inconsciente da mulher.

O inconsciente, devido à sua função reguladora dentro da psique, tenta equilibrar a tensão ocasionada pela polarização, na tentativa de manter a integridade psíquica. Tanto o homem quanto a mulher possuem dentro de si os princípios masculino e feminino, e estes existiam de forma indiscriminada em um mundo livre de tensões, antes do surgimento da consciência, como vimos anteriormente. Com o surgimento do ego, estes princípios, antes um só, separam-se, polarizam-se. A psique reguladora então, a partir do momento em que uma das instâncias emerge na consciência, constela no inconsciente o seu oposto. Assim, a psique encontra uma maneira para que o sujeito relacione-se com o seu oposto, masculino ou feminino. Esta maneira de se relacionar com o princípio oposto se dá através das relações humanas. O homem projeta aspectos de sua anima no exterior, e vivencia seu lado feminino em uma mulher. A mulher, por sua vez, projeta em um homem aspectos de seu lado masculino, podendo assim relacionar-se com a sua polaridade. Stein (2006) fala sobre as concepções de Jung sobre este tema:

Em sua teoria, homens e mulheres são ao mesmo tempo masculinos e femininos. Essas qualidades, porém, são distribuídas de modo diferente. E essa diferença é arquetípica, não social ou cultural. Por outras palavras, não é uma diferença que possa ser apagada por mudanças na política social. (op. cit., p.123)

Desta maneira, ao facilitar a o relacionamento com o nosso lado inconsciente, a anima e o animus permitem que o indivíduo relacione-se com o seu mundo interno. “O animus e a anima deveriam funcionar como uma ponte, ou pórtico, conduzindo às imagens do inconsciente coletivo, assim como a persona representa uma ponte para o mundo”. (JUNG, 1989, p. 351).

A profundidade da psique, descrita por Jung, consiste no lado encoberto da personalidade, o potencial que está oculto para o ego, porém plenamente ativo no inconsciente, e passível de ser manifesto através das projeções no relacionamento com o outro, ou através das imagens oníricas.

Portanto, podemos pensar aqui em complementaridade, pois a psique é incapaz de viver unilateralmente, ou seja, é necessário o contato com os opostos, com o lado encoberto, para que a integridade psíquica se mantenha, e o seu desenvolvimento seja possível.

Por outras palavras, os seres humanos são mais complexos do que a aparência pública e as pesquisas de oposição nos querem fazer crer. Quando as mulheres mergulham no seu interior, ao voltarem à tona (e revelarem-se aos que estão intimamente envolvidos com ela) vêm munidas de abundante lógica, competitividade, firmeza e discernimento moral. Do mesmo modo, os homens mostram-se compassivos, sentimentais e desejosos de unidade e tolerância. (STEIN, 2006, p. 124).

Assim, é possível perceber que a unilateralidade egóica é compensada pelo inconsciente, buscando integrar todos os aspectos da personalidade à consciência.

CAPÍTULO 2

A TRANSIÇÃO PARA A CONSCIÊNCIA PATRIARCAL

Em antigos períodos da história da humanidade, houve um momento em que a consciência matriarcal era predominante, onde a ligação com os elementos da natureza, com os sentimentos e com os aspectos femininos da psique eram predominantes. Hoje, percebemos um movimento diferente, onde a tecnologia, que promove a aproximação do homem com a máquina e o distancia do relacionamento humano, é mais valorizada, um momento onde a razão predomina sobre a emoção, e os elementos masculinos estão colocados em evidência. É necessário refletir sobre estas transformações na consciência humana, sobre esta unilateralidade a que o ego é submetido em nossa cultura. E refletir também sobre como a consciência matriarcal, renegada, se manifesta em nossa sociedade, considerando o aspecto dinâmico da consciência, que como vimos anteriormente, sempre procura compensar a unilateralidade, constelando o seu aspecto oposto. Veremos então como se desenvolveu esta transição, da fase matriarcal até os dias atuais.

Faria (2003), fala sobre como desenvolvimento da consciência do indivíduo retrata as fases do desenvolvimento da consciência da humanidade, demonstrando a evolução filogenética da consciência: “Assim como o corpo humano evoluiu desde os nossos ancestrais humanóides para chegar ao que é hoje, a consciência apresenta também um caminho de desenvolvimento.” (p. 29)

Assim, podemos fazer um paralelo sociedade/indivíduo ao estudar a transformações ocorridas desde os tempos remotos da humanidade, no que se refere à maneira do ser humano inserir-se no ambiente e lidar com o mundo à sua volta.

Inicialmente, a humanidade encontrava-se no estágio urobórico, submersa no inconsciente, indiferenciada.

Após esta fase indiferenciada, segue a fase matriarcal, onde começa a haver uma diferenciação, é o estágio vivenciado pelo bebê com sua mãe, após o nascimento. Nesta fase, a criança vive através do Self da mãe, sua consciência é inexistente, e o seio materno torna-se o centro de seu mundo psíquico, a mãe torna-se como uma divindade para o bebê.

Podemos observar, através da mitologia, ou mesmo examinando criações e pinturas da era neolítica, descobertas através de pesquisas arqueológicas, a figura feminina como divindade. Na fase matriarcal, a mulher era relacionada à criação, devido ao seu poder de fecundidade. Relacionada com a natureza, a terra, ela foi exaltada, valorizada dentro daquela cultura com potencial criador.

A consciência matriarcal é entendida como a consciência nascente da humanidade, quando o ego humano ainda estava emergindo do inconsciente. É considerada matriarcal porque seu arquétipo regente é o da Grande Mãe, o arquétipo das origens do mundo, segundo várias mitologias, símbolo da natureza, da fertilidade e dos instintos, da vida e da morte. (FARIA, 2003, p. 34).

A fase matriarcal, fortemente marcada pela relação com a natureza, foi vivenciada através da relação com os instintos, com o corpo e com os ciclos naturais. Em oposição, seguiu-se o surgimento da fase posterior, egóica, dirigida predominantemente pela razão, pela tecnologia, pelo distanciamento da natureza.

Toda cultura primitiva se baseia, primeiro inconsciente depois conscientemente, numa tal ordem, que encontra seu repositório nos ritos e nos costumes. Uma vez que essa ordem delimita também o sagrado do profano, o permitido do proibido, o bom do ruim, é um precursor daquilo que num estágio mais avançado manifesta-se como princípio masculino do Logos, da consciência e do espírito masculino. (NEUMANN, 1980, p.83).

Conforme Faria (2003), o homem, neste período, não reconhecia sua participação na reprodução, talvez devido à ausência de observação do processo de reprodução dos animais, fato que ocorreria mais tarde. Assim, não se reconhecia como pai, e as relações de parentesco eram vivenciadas de maneira diferente de nossa época. Todas as mulheres eram mães, assim como todos os homens eram pais na comunidade em que viviam. A família como se conhece hoje não estava constituída, pois o homem vivia para o coletivo, estava imerso no inconsciente, portanto, não era ainda um indivíduo.

A consciência de ser pai está datada por volta do quarto ou quinto milênio a.C.; antes disso, não havia condições demográficas, sociais e econômicas para estabelecê-la, como a sedentarização social e a observação do acasalamento dos animais (Dupuis, 1989). Ela vai surgindo paulatinamente, desde os primórdios da humanidade, conectada ao desenvolvimento gradual da consciência e relacionada ao momento histórico, às formas de organização e de estruturação das sociedades, ao meio ambiente e à configuração dos agrupamentos familiares. (FARIA, 2003, p.27).

É na fase Paleolítica, segundo Faria (ibidem), que as divisões de trabalho e as diferenciações entre os papéis masculinos e femininos começaram a ser desenvolvidas, devido às necessidades de sobrevivência e adaptação ao meio. Esta organização inicial proporcionou ao ser humano algumas referências que puderam se desenvolver até o surgimento do vínculo com um grupo, ou uma organização familiar. É neste momento que surgem as diferenciações de papéis masculinos e femininos.

A imagem de homem e de mulher que aparece no Paleolítico recente – o homem como caçador e tendo seus domínios fora da caverna, a mulher como coletora e cuidadora dos filhos – parece que sempre povoou a raça humana. Essa divisão de trabalho, calcada no biológico, na maior força física do homem para atividades brutas e na capacidade de gerar da mulher, posteriormente serviu como suporte para os padrões culturais e ideológicos do que é ser homem e do que é ser mulher. (FARIA, 2003, p.37).

As transformações ocorridas neste início, na era Paleolítica, foram movidas pelas necessidades imediatas de sobrevivência e cuidados com a prole, e portanto a caça e a proteção da caverna passaram a ser de vital importância. O afastamento do homem para caçar abriu espaço para um novo padrão de relação deste com a mulher e os filhos. O homem distanciava-se por algum tempo, mas havia de retornar com o alimento. Pode-se perceber a manifestação de um padrão de relacionamento deste com a família, e nos traz a imagem do pai que se afasta temporariamente, deixando o cuidado dos filhos a cargo da mulher. Este afastamento o impede de ter uma relação mais próxima e afetiva com a prole, porém, já existe

a memória de que é necessário retornar, ou seja, o vínculo familiar estava começando a ser construído.

Esse ato de ir e vir, e circular pelo espaço cada vez mais afastado, possibilitou, segundo o mesmo autor, a construção do que é ser pai, uma idéia eminentemente cultural, pois se a idéia de ser mãe é evidente por si mesma, é observável e incontestável, a idéia da paternidade teve de ser altamente elaborada em nível psicológico. Por ela, o ser masculino se afastava simplesmente da vida instintiva de macho e começava a olhar para a frente, para o futuro, para a família, criando um núcleo psicológico de previsão e capacidade de renunciar à satisfação imediata. (FARIA, 2003, p. 38).

Com o crescimento demográfico e o aumento da competição entre as comunidades começou a surgir a necessidade de proteção da propriedade. É neste momento em que surge com grande força o impulso de luta nos homens, a conquista de territórios e a proteção da família passam a ser de vital importância. Podemos considerar esta fase como a marca da transição da fase matriarcal para a patriarcal.

Os conflitos entre os grupos e comunidades começaram a despertar uma organização guerreira entre os homens, a formação de uma cultura masculina mais fechada, em que provavelmente, se tenta fugir da influência das mães e do domínio matrilinear, que ainda era muito forte. (ibidem, p.43)

Antes, a sociedade era voltada à natureza, ao feminino, ao cultivo da terra. Agora, devido aos interesses competitivos, o homem se volta para as guerras, a força, o distanciamento da família para lutar em terras longínquas. Começa o imperativo pelo desenvolvimento de novas técnicas agrícolas, o cultivo da terra deixa de ser exclusivamente feminino.

Psiquicamente, esta fase pode ser associada ao momento em que o ego começa a despontar na consciência, e liberta-se das amarras do Self:

O desenvolvimento da personalidade leva gradualmente à independência do ego e da consciência, que se liberam do abrigo e do abraço constrangedores do inconsciente e da Grande Mãe. Ao liberar-se, o ego cresce para fora do inconsciente, que é o seu solo nutriente. (NEUMANN, 1980, p.143).

Faria (2003) acentua o aspecto positivo desta mudança, no que se refere ao desenvolvimento da civilização:

A consciência patriarcal pode ser considerada um ganho para a cultura, uma vez que trouxe para o ser humano a possibilidade de dominar a natureza, ao desenvolver a ciência e a técnica; ajudou-o a dominar os impulsos e as invasões do inconsciente, num processo que o levou à construção de um mundo civilizado. (FARIA, 2003, p.50).

Porém, apesar do surgimento destas novas possibilidades de atuação do homem no mundo trazidas pelo patriarcado, existe o problema da unilateralização da consciência, que se desenvolveu sacrificando as conquistas do matriarcado, o contato com o feminino, com o inconsciente.

Zoja (2005) fala sobre esta questão:

O patriarcado não esmaga apenas as mães. Com o tempo, de modo diverso e indireto, deslocando a ênfase da psique e dos afetos para as relações institucionais, esvaziado os símbolos e limitando-se ao conteúdo material, bordando medalhas e galões em seu uniforme, o patriarcado oprime também o pai. (ZOJA, 2005, p.71).

Pode-se observar, nestas etapas exploradas anteriormente em relação ao desenvolvimento da consciência da humanidade, que a partir do momento em que a consciência patriarcal começa a despontar, surge uma urgência em combater a fase anterior, a matriarcal. A mulher passa a ser vista como inferior, e necessita ser dominada, assim como as forças da natureza, que passam a ser substituídas pelos instrumentos e pela técnica.

Psicologicamente esse conflito é intensificado pelo fato de que este mundo a ser combatido também está presente no homem, cuja masculinidade instintiva inferior participa dele. E outra razão para este conflito é o perigo que o princípio feminino representa para o homem, não só porque este projeta o seu próprio aspecto inferior nas mulheres, mas muito mais porque o inconsciente do homem está naturalmente sujeito ao fascínio da mulher, que em todas as suas formas- de mãe e de irmã, de anima e de amada, de mulher e de filha – mantém o aspecto não –espiritual do homem em constante movimentação tanto psicologicamente como biologicamente. (NEUMANN, 1980, p.156)

Portanto, o que a consciência patriarcal tenta suprimir é o seu aspecto feminino, pois como todo arquétipo, o arquétipo do Pai possui em si os opostos, os aspectos complementares, devido a ser uma manifestação da Totalidade. Assim, suprimir a consciência matriarcal a torna ativa no inconsciente da humanidade, e esta vem à tona de maneira simbólica para compensar a unilateralidade da consciência.

Originalmente, o pai arquetípico possui as qualidades femininas, porém, com a separação trazida pelo surgimento da consciência, essas características são diferenciadas, e seu aspecto maternal é relegado às profundezas do inconsciente e dominado pelas exigências culturais.

Assim, à medida que o mundo patriarcal vai se desenvolvendo, a experiência do social interpõe-se entre a experiência direta do homem e a natureza dentro e fora dele. O dever individual deixa de ser primariamente aquilo que a natureza ou a sua psique dele requerem, mas aquilo que é imposto pelas solicitações do coletivo. (NEUMANN, 1980, p.157)

Portanto, a fase patriarcal afasta o homem de sua ligação com a natureza e com os instintos, levando-o a sacrificar a vivência com seu lado feminino em favor da adaptação ao mundo externo.

CAPÍTULO 3

AS TRANSFORMAÇÕES NA INSTITUIÇÃO FAMILIAR

Através de um resgate histórico a respeito das mudanças ocorridas na instituição familiar, desde o Brasil Colonial até os dias de hoje, podemos perceber a mudança nos papéis femininos e masculinos dentro do ambiente doméstico. As mudanças econômicas, a Revolução Industrial, o ingresso da mulher no mercado de trabalho, foram acontecimentos que mudaram a dinâmica das relações entre os membros da família, e assim foram sendo construídos novos modelos e novos ideais de paternidade e maternidade.

Explorando o Brasil Colonial, entre os séculos XVI e XVIII, podemos encontrar estudos que demonstram a influência da Igreja nas concepções de família e nos modelos de relações familiares. O afeto era pouco expressivo dentro do núcleo familiar, e o casamento, um contrato dirigido pela racionalidade, devido a cumprir uma função de proteção da propriedade familiar e da linhagem.

Del Priore (2005) nos traz um exemplo desta forte influência do sistema patriarcal nesta época, citando uma frase do moralista Francisco Souza Nunes:

Negócios grandes, grandes conselhos requerem; e como sejam dos maiores negócios para a vida (a mulher não se deve escolher por gosto); não seja o amor quem nos aconselha nesta matéria, seja antes a razão que nos dirija neste negócio". E tome provérbios a confirmar: "quem casa por amores, maus dias, piores noites"; "por afeição te casaste, a trabalhos te entregaste." (DEL PRIORE, 2005, p.12).

Assim, fica evidente o interesse predominantemente econômico por trás da instituição do casamento:

A indissolubilidade do matrimônio, estabelecida pela doutrina da Igreja Católica, era usada como principal argumento a favor de uma escolha cuidadosa visando ao futuro do que um entusiasmo presente ditado pelo interesse físico ou outros. Nada de amor-paixão ou de outro sentimento parecido. (DEL PRIORE, 2005, p.12).

Esta situação começa a se modificar, conforme Faria (2003), a partir do século XVIII, com as transformações ocorridas na Europa. Segundo ele, a Revolução Francesa contribuiu para o início do lento processo de decadência do patriarcado, a partir do momento em que instituíram o lema “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”. Assim, o poder deixa de ser centralizado no pai, no soberano, para voltar-se ao coletivo, à equidade. Assim também contribuíram o Iluminismo, com suas idéias de liberdade individual, e a Revolução Industrial, com as mudanças nas formas de trabalho. Estas mudanças sociais e políticas levaram as famílias a procurarem novas formas de organização, e com isso, profundas alterações nas relações começaram a ocorrer.

Com o advento da Revolução Industrial, conforme Faria (ibidem), o homem passa a se ausentar do lar para dirigir-se às fábricas. A partir deste momento, deixa de ocupar o espaço em que era absoluto dentro de casa, e este espaço passa a ser preenchido pela mulher.

Isso foi um grande abalo nas relações familiares e ao mesmo tempo um progresso; o pai foi perdendo o poder no espaço familiar e a mãe começou a se sobressair como uma autoridade, diluindo o peso ditatorial do homem no contexto doméstico. Desse modo o pai foi “saindo da família e o cuidado das crianças ficou quase que totalmente a cargo da mãe: (...) enquanto as mulheres foram sendo colocadas no centro da constelação familiar, os homens foram sendo deslocados para a periferia. (LA ROSSA, apud FARIA, 2003).

Assim, o espaço do lar passa a ser concebido como um espaço feminino, e o pai como um provedor, aquele que se afasta durante o dia para conseguir o sustento da família. O espaço doméstico passa a ser concebido como um espaço de sentimentos, em que cabe à mulher o afeto e o cuidado com os filhos. Esse novo modelo influenciou as novas concepções de masculinidade e feminilidade que começavam a despontar, sendo a feminilidade relacionada à maternidade, e o pai sendo visto como um modelo de masculinidade para os filhos.

Porém, as manifestações de amor do pai em relação aos filhos ainda eram reduzidas, e o seu poder mantinha-se atrelado ao fator econômico. Gomes e Resende (2004) enfatizam o aspecto do distanciamento afetivo do pai do século passado em relação à família, devido ao estabelecimento da hierarquia familiar, calcada em aspectos econômicos, onde a

mulher encontrava-se em uma situação de dependência e submissão em relação ao seu cônjuge:

O pai exercia o poder na casa, com força para manter o círculo vicioso em que a família estava secularmente encerrada. Sua autoridade valia tanto para os filhos como para a mulher, que dele dependia economicamente e a quem se submetia de acordo com as regras estabelecidas. A importância do pai, do patrimônio e da religião reduziu, expressivamente, o espaço físico e sentimental da criança. (GOMES E RESENDE, 2004, p. 120).

Com o advento da mulher no mercado de trabalho, a partir dos anos 60, novamente a estrutura familiar se desconstrói, e torna-se necessária uma nova adaptação. Mas sendo um processo dinâmico, novas adaptações sempre são necessárias, e podemos perceber que muitas transformações continuam ocorrendo nos dias atuais. A mulher hoje ocupa um espaço que anteriormente era exclusivamente masculino, e este também transita por um espaço antes desconhecido, o espaço doméstico, o cuidado com os filhos. A necessidade da divisão de tarefas impulsiona o pai a adaptar-se a estas novas exigências, e questionamos então como o homem contemporâneo lida com estas contradições. Ao mesmo tempo em que tem que lidar com a perda de um espaço que antes fazia parte da formação de sua identidade, o espaço do provedor, agora também é necessário explorar novas habilidades, entrar em contato com o lado que antes permanecia sombrio, o contato com o afeto, com um domínio que antes era exclusivo das mulheres.

Este conjunto de fatores trouxe grandes transformações no plano dos valores e dos comportamentos, particularmente no que diz respeito às relações de gênero, modelos de família e novos perfis de pai e mãe, assim como a aplicação do conceito de autoridade nas relações familiares. Abalando as tradições e enfrentando tabus, propunha-se algo bem menos estratificado do que os modelos da sociedade patriarcal que vigoravam de forma hegemônica até então. (ALMEIDA, 2007, p.20).

Podemos assim questionar como o homem contemporâneo lida com estes conflitos de nossa época, uma época marcada por grandes transformações em um curto

período de tempo, em que é preciso se adaptar para atender às exigências do meio, ao mesmo tempo em que a consciência individual também necessita ser atendida. Agora, não apenas o grupo mobiliza a vontade humana. O ser humano agora é também um indivíduo, com suas necessidades, temores e desejos.

Em período recente de nossa história, o homem encontrava dificuldades para separar sua individualidade das funções de pai. Manteve-se protegido no silêncio, comprometedor de toda possibilidade de diálogo com a família, especialmente com os filhos. Foi sempre apoiado pela cultura que, sendo patriarcal, reservou-lhe lugar acima da trama doméstica constituída, sobretudo pela mulher e pela criança. Esta situação vem-se modificando, lenta e progressivamente, sob a égide de transformações mais amplas, em cujo fluxo imbricam-se, de modo indissociável, sociedade e família. (GOMES e RESENDE, 2004, p.119).

O pai hoje precisa lidar com as mudanças culturais que vem alterando as relações familiares, a partir do momento em que as diferenciações de papéis dentro da família deixam de ser rigidamente constituídas. Esta nova realidade impõe ao homem a reavaliação de suas concepções a respeito da paternidade.

Segundo Gomes e Resende (ibidem), o homem atual:

(...)rejeita a cultura masculina tradicional. A maioria se diz em ruptura com o modelo de sua infância e não quer, por nada, reproduzir o comportamento do pai, considerado “frio e distante”. Eles almejam “reparar” sua própria infância. Finalmente, vivem com mulheres que não têm vontade de serem mães em tempo integral. (BADINTER, apud Gomes e Resende, 2004, p. 121).

Acredito que este momento de mudanças e transformações pode ser muito produtivo, pois traz o confronto com o inédito, a partir do momento em que o modelo do passado entra em conflito com o modelo atual. O que irá se configurar a partir daí, ainda não sabemos, visto que estamos em pleno momento de transformação, mas as novas

possibilidades estão influenciando esta construção, talvez não de um novo modelo de pai, novamente cristalizado, mas sim de uma nova maneira de lidar com todos estes modelos já transitados pelo homem.

*Todo processo de crescimento traz dentro de si o desafio inerente à mudança, o incômodo da desestabilização, o confronto entre o velho e o novo. Mas neste caso, acrescenta-se aqui a **prolongada incerteza quanto ao que é esperado**, aonde se pode ou deve chegar. Padrões de relação pai-filho e marido-mulher estão sendo constantemente recriados, sob a forma de experimentação e ensaio e sob cada teto, na tentativa de, em família – sem cartilha e sem manual de instrução- acertar, apostar, **investir nos relacionamentos afetivos para construir uma sociedade mais feliz, mais justa, que respeite mais os sentimentos e a subjetividade de cada um.** (ALMEIDA, 2007, p.20).*

Assim, talvez o homem contemporâneo deva perseguir o ideal não de encontrar um novo modelo, mas sim de encontrar referências dentro de si mesmo, de tentar encontrar o equilíbrio entre seu passado, sua cultura e sua individualidade.

Nosso interesse específico é captar o movimento no qual o homem reinventa seu papel e constrói a subjetividade de pai com nova postura. Queremos encontrar a paternidade que acolhe e convive com o processo de transformações em marcha: o pai que transita entre valores novos e arcaicos. Questionam-se o silêncio e o distanciamento impostos por determinações culturais, através de várias gerações. (GOMES E RESENDE, 2004, p. 120).

E é a partir deste questionamento, citado por Gomes e Resende (ibidem), que é possível construir um novo ideal de paternidade, pois só questionando o que está estabelecido é que se torna possível alguma transformação. Porém é necessário que este ideal seja dinâmico, não cristalizado ou apoiado em rígidos padrões de conduta, mas que valorize a subjetividade de cada indivíduo, buscando o ser integral, integrado com todos os seus aspectos, sejam eles masculinos ou femininos.

CAPÍTULO 4

A CONSTRUÇÃO DO IDEAL DE PATERNIDADE

A notícia de uma gravidez, mais especificamente do primeiro filho, marca o início de um grande período de mudanças para o casal. Os pais primíparos vivenciam um período em que ocorre uma revisão de seu passado enquanto filhos, ao mesmo tempo em que buscam projetar o seu futuro enquanto pais.

É uma etapa marcada também por mudanças no relacionamento do casal, visto que um novo ser participará da dinâmica no ambiente doméstico, desconstruindo toda a dinâmica já instalada, e tornando necessária uma nova construção, para acolher esta nova realidade.

Considerando neste estudo uma gravidez planejada, estas transformações, segundo Menezes (2001) ocorrem bem antes da concepção.

O início da construção da parentalidade se dá antes mesmo da concepção. É a partir da história particular de cada indivíduo que se instaura, ou não, a possibilidade desta construção. É conforme a história de cada casal, também, que será possível a abertura, ou não, de espaço para um novo ser na família. (MENEZES, 2001, p.25).

A maneira como cada um vivenciou seu papel como filho ou filha, também influencia diretamente nas expectativas em relação aos seus futuros papéis como pais. É esta experiência individual que irá participar na construção do ideal de paternidade, além dos fatores sociais e culturais.

A forma como cada um se projeta como pai ou mãe relaciona-se diretamente com os pais que eles próprios tiveram, ou com outros modelos parentais. Para os autores, os pais sempre são os modelos de referência em relação aos quais nos determinamos, seja querendo fazer como eles, ou contrariamente a eles, seja tentando corresponder ao seu desejo, ou opondo-se a ele. (SZEJER e STEWART, 1997, apud MENEZES, 2001, p. 26)

Assim, a transição para a parentalidade é vivenciada de maneira única para cada casal, e o sentido desta experiência depende da maneira com cada um relaciona-se com a imagem paterna e materna. Considerando especificamente os futuros pais neste estudo, a vivência de cada um durante a gestação de suas companheiras depende do significado que cada pai atribui à experiência, e as transformações que irão ocorrer a partir de então irão influenciar não somente em sua subjetividade, como também na vida conjugal e na relação com o filho.

A relação do homem com a paternidade provoca efeitos tanto na sua individualidade, quanto no seu relacionamento com a companheira, efeitos estes que dependem da forma, intensidade e significado que dará a esta experiência. O momento da gravidez, como início, de fato, do processo de transição para a parentalidade deverá ser considerado como fundamental para o desenvolvimento de ambos, homem e mulher, e não apenas como circunscrito à esfera feminina. (ANDREANI, 2006, p.27).

Portanto, trata-se aqui de pensarmos na transição para a paternalidade como uma construção, que se inicia desde o planejamento e a preparação para a gravidez, e é contínua durante toda a existência do indivíduo, pois, por se tratar de um processo dinâmico, a relação entre pai e filho sempre irá exigir novas adaptações frente aos conflitos próprios de cada fase da vida de cada um. E esta construção, envolvida em valores pessoais, sociais e culturais, irá se desenrolar durante toda a vida do casal, frente a essa nova realidade, o fato de deixarem o papel estrito de filhos, e tornarem-se pais.

Os jovens casais, durante a transição para a parentalidade, são fortemente influenciados por crenças, valores e prescrições sociais, ou seja, por padrões instituídos socialmente. Entretanto, conforme Berger e Luckmann (1966), a ordem social é uma produção humana em constante andamento, o que significa que novos pais e mães têm a possibilidade de agirem e interagirem de formas que redefinem a maternidade e a paternidade. (BRASILEIRO, et al, p.07).

Pode-se perceber, portanto, que apesar de todas estas influências que existem a priori na vida deste novo pai, é possível que ele desenvolva sua individualidade, e construa seu ideal de paternidade alicerçado em seus próprios valores, evitando a cristalização e a estereotipia que acompanhou, durante muito tempo, a imagem da paternidade.

CAPÍTULO 5

OBJETIVO

Esta pesquisa tem por objetivo analisar como pais primíparos vivenciam a expectativa da chegada de seu filho, e compreender como a vivência com o pai pessoal influencia esta experiência.

CAPÍTULO 6

MÉTODO

6.1 INTRODUÇÃO

O método qualitativo de pesquisa foi utilizado, por ser um método que considera o caráter subjetivo do estudo, onde pesquisador e objeto de pesquisa não estão separados, mas inter-relacionam-se e influenciam-se mutuamente. Conforme Penna (2004):

(...) a pesquisa qualitativa caracteriza-se como uma abordagem interpretativa e compreensiva dos fenômenos, buscando seus significados e finalidades. Essa metodologia baseia-se numa perspectiva epistemológica em que o conhecimento resulta de processos dinâmicos que fluem dialeticamente. (PENNA, 2004, p.80).

Assim, sendo um processo dinâmico, ambas as partes envolvidas, pesquisador e sujeito, se transformam a partir deste encontro, e os conteúdos que surgem desta inter-relação são únicos e singulares, passíveis de novas transformações.

6.2 PROCEDIMENTO

Foi realizada, inicialmente, uma entrevista piloto, e a partir desta, formulada uma entrevista semi-dirigida. Ocampo (1990) fala sobre esta técnica de entrevista:

Uma entrevista é semi-dirigida quando o paciente tem liberdade para expor seus problemas começando por onde preferir e incluindo o que desejar. Isto é, quando permite que o campo psicológico configurado pelo entrevistador e o paciente se estruture em função de vetores assinalados pelo último. (OCAMPO, et al.,1990, p. 23)

Assim, as questões formuladas tornam-se apenas fatores de direcionamento da entrevista, para que a pesquisa mantenha o seu foco diante de um objetivo, porém, os conteúdos surgidos a partir destas questões serão expostos livremente pelo entrevistado.

As entrevistas realizadas foram analisadas considerando-se a compreensão dos símbolos presentes em cada fala, compreendendo-se a inter-relação entre entrevistador e entrevistado, e o resultado surgido a partir deste encontro. Por ser uma análise qualitativa, os resultados referem-se a este presente momento, não sendo considerados como verdades imutáveis, mas sim uma realidade surgida a partir do contexto atual.

A análise das entrevistas tem como foco principal as mudanças experimentadas por estes homens no momento em que acompanham a gestação de suas companheiras, questionando-os sobre seus sentimentos, fantasias e expectativas perante este momento de transformação na vida do casal, sempre procurando considerar suas experiências enquanto filhos, suas vivências pessoais em contato com a figura paterna.

6.3 PARTICIPANTES

Foram selecionados para a pesquisa três homens de idade entre 35 e 37 anos, primíparos, de nível sócio – econômico mediano, que tenham planejado esta gestação junto de suas companheiras. As entrevistas foram aplicadas durante o último trimestre da gravidez. A escolha dos participantes foi planejada com o objetivo de buscar um grupo homogêneo, em relação à faixa etária, nível sócio-econômico e fase da gestação, a fim de auxiliar o alcance de um resultado o mais próximo possível da realidade dos sujeitos. Para preservar o sigilo dos voluntários, os nomes apresentados são fictícios.

A primeira entrevista foi realizada com Carlos, médico radiologista, de 35 anos.

Maurício foi o segundo participante, é comerciante e tem 37 anos.

Felipe foi o terceiro voluntário, engenheiro, de 37 anos.

O contato com os participantes foi feito inicialmente por telefone, e após breve explicação dos objetivos da pesquisa, foi agendado um horário para a entrevista, no local de trabalho dos entrevistados.

6.4 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DOS RESULTADOS

As entrevistas foram gravadas, mediante a aprovação dos participantes, e posteriormente transcritas. Após a transcrição, foram selecionados os aspectos em comum entre os três relatos, e observados os temas recorrentes, para posterior análise à luz da Psicologia Analítica.

Os temas em comum, relacionados após a análise das entrevistas, foram: ausência paterna, distanciamento emocional na relação com o pai, desejo de mudança na relação com o filho, no que se refere a maiores demonstrações de afeto, preocupações com o futuro profissional do filho, e com o aspecto provedor, ou seja, os pais voltam-se para preocupações em relação a como proporcionar aos seus filhos uma vida economicamente estável. A questão do tempo disponível para o filho também foi uma preocupação em comum entre os três participantes.

6.5 CUIDADOS ÉTICOS

Foi entregue, a cada participante, um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, onde estes ficaram cientes dos objetivos da pesquisa, aceitaram a gravação da entrevista e foram informados quanto à possibilidade de atendimento após a realização da mesma, caso houvesse necessidade de qualquer esclarecimento.

CAPÍTULO 7

RESULTADOS E ANÁLISE

Primeira Entrevista - Carlos

Carlos é médico radiologista, tem 35 anos e é casado há seis anos com Sandra, de 33. Sua esposa está na 28ª semana de gravidez.

Carlos apresentou-se disposto a colaborar com a pesquisa, mostrou-se receptivo, porém sempre preocupado com o tempo disponível, devido aos seus compromissos profissionais. A sensação de falta de tempo aparece tanto em seu comportamento durante a entrevista, quanto em sua fala sobre sua vida. Este fator aparece quando fala sobre as expectativas em relação ao seu futuro como pai, e observa esta questão como um problema a ser resolvido:

Outro problema hoje acho que seria o tempo. Se eu não trabalhar, eu não consigo oferecer as coisas que eu quero oferecer para ele. Se eu ganhasse na Mega Sena ficaria mais fácil. Tenho um projeto de não trabalhar tanto no futuro quanto eu trabalho hoje, de seis anos para cá consegui diminuir bastante o meu ritmo de trabalho, e penso nisso hoje de maneira mais contundente, devido à gravidez.

Esta questão do tempo parece estar relacionada com a relação de proximidade que deseja ter com o seu filho. Pode-se observar isto através da fala sobre a relação com seu pai, que, segundo ele, esteve pouco disponível durante sua infância, devido a ter interesses diferentes dos seus. Foi possível um observar desejo de mudança em relação a isso, no que espera para a sua relação com o filho que está por vir. Sobre o pai, afirma:

Quando era criança ele me dava atenção, mas ficava mais na dele. Ele sempre procurava estar comigo nos momentos em que ele podia, não em todos os momentos. Quando ele podia e quando ele achava que era importante... nos aniversários, nas datas comemorativas, no Natal, Ano Novo, Páscoa, formatura, quando eu me casei ele foi no meu casamento... Ele não é daqui, mora em Araraquara, mas se ele morasse aqui em SP, ele

não é uma pessoa que você poderia chamar para ir no clube jogar futebol, não, ele não iria. O tipo de coisa que ele gosta de fazer é outra, e eu não vejo nenhum mal nisso. Ele se diverte com outras coisas.

Apesar de afirmar “eu não vejo nenhum mal nisso”, Carlos deseja agir diferente em relação ao seu filho, afirma que gostaria de manter uma relação de maior proximidade:

Eu acho que eu seria um pai que ficaria mais próximo do meu filho. Buscar no colégio todo dia, por exemplo. Eu morava a um quarteirão da minha casa, então meu pai não precisava fazer isso. Então, até aí tudo bem. Mas eu acho que levaria ele para ver um jogo de futebol no Morumbi, acho que eu ia jogar futebol com ele. Eu não ia esperar ser procurado. Eu ia tomar a iniciativa, ao invés de ter uma atitude mais passiva.

Podemos considerar a hipótese de que esta questão da ausência paterna ainda é um aspecto sombrio na psique de Carlos, a falta de proximidade com o pai não foi elaborada conscientemente.

Fatores relacionados à moral e ao caráter são aspectos trazidos de sua figura paterna, sendo que estes são valorizados como algo que gostaria de reproduzir em sua função como pai: “Quero passar para o meu filho o caráter, a honra, ensiná-lo a assumir as responsabilidades, isso eu tive na relação com o meu pai. Isso eu trouxe comigo, e pretendo passar para o meu filho. (...) Eu queria que ele fosse responsável, apenas isso”.

É possível perceber, aqui, a identificação com este aspecto da figura paterna, a valorização do caráter:

O meu pai é extremamente correto. Se ele vai fazer uma compra, compra dez bacias e cobram nove, ele vai falar, olha são dez bacias e não nove. Muito disso eu tenho dele. Eu sou uma pessoa que não mente, por opção. Eu não escondo, não omito e não minto.

Em relação às escolhas do filho, Carlos diz:

Não faço questão que ele estude, se ele for um jogador de futebol, e a vida dele for boa assim, não há problema algum, mas tem que fazer bem feito. Não vou exigir demais dele, só que ele faça as coisas da maneira correta. Eu espero que ele seja feliz, apenas isso, mesmo que seja contra a minha vontade. Se ele goste de alguma coisa que eu não aprove, eu vou dizer a ele, que eu não aprovo, mas se ele estiver feliz, para mim está bom, mesmo eu não gostando. Mas não vou ajudá-lo nisso. Mas, se ele quiser fazer algo eu acho que é legal para ele, eu vou dar apoio e vou ajudá-lo. Mas nunca vou falar “não vou deixar você fazer”, apenas vou dizer “não gostaria que você fizesse”. Se eu não gostar, não conte comigo.

Assim, é possível perceber, através desta fala, que as escolhas do filho só serão apoiadas caso sejam iguais às dele.

Ainda sobre as escolhas, Carlos traz em sua fala exemplos de como fez escolhas diferentes das do pai, que, segundo ele, “se diverte com outras coisas”. O pai, devido ao gosto pela leitura, tornou-se ausente em alguns momentos de sua vida, e Carlos, posteriormente, demonstra desinteresse pelos estudos, talvez em um comportamento reativo, uma manifestação inconsciente de rejeição em relação ao que o afastou de seu pai, os livros:

Ele me deixou bem à vontade para eu seguir o meu caminho. Eu não me divirto muito com a leitura, eu me canso de ler, quando eu vou estudar eu sou bem prático, eu consigo filtrar do texto aquilo que é importante, e aquilo que é só para deixar o texto mais bonito eu procuro tirar. Eu sou um pouco minimalista neste aspecto. Então, não é que eu queira me opor ao meu pai, é só que eu me divirto com outras coisas, mais com futebol do que com um livro. (...) Sou uma pessoa relativamente estudiosa, só que sou preguiçoso. Eu não sou o primeiro da turma, se tem cem vagas, eu me contento com a posição noventa e nove. Eu nunca fui o primeiro da turma, mas por opção. Eu sempre fiz o necessário para ficar mais ou menos na média.

O planejamento parece ser constante em sua vida:

E eu planejo muito, demais. Tudo o que eu vou fazer, eu planejo de maneira sistemática. Nisso eu sou bem diferente do meu pai, ele não planeja nada, não se preocupa tanto quanto eu. Eu procuro me preocupar com todas as coisas, até onde eu consigo.

Pude sentir em Carlos a identificação com o pai no sentido do que a imagem paterna deve representar, ou seja, o papel social, como hombridade, caráter, responsabilidade. Seu lado pragmático parece ser diferente da figura paterna em sua vida, e talvez o ajude a sentir mais segurança, porém é possível que o afaste de seu lado criativo e espontâneo. Algumas de suas escolhas afastam-se da influência do pai, no sentido de reprodução, identificação, porém podem ter sido influenciadas pela sombra paterna agindo sobre si. Seu pai é voltado às atividades intelectuais, ao *Logos*, enquanto ele buscou em sua adolescência atividades relacionadas ao corpo, à força física, como o judô. Esta experiência com o esporte o tornou competitivo em determinada fase de sua vida, quando precisou de determinação para atingir seus objetivos:

O judô me tornou muito competitivo, em todas as áreas. Esta experiência fez com que eu me obrigasse a passar na Fuvest, custasse o quanto fosse, porque se eu luxei a clavícula e lutei mesmo assim, quase desmaiando de dor, e não perdi a luta, então eu poderia passar no vestibular.

Posteriormente, esta experiência trouxe um novo significado à sua vida, na medida em que o ajudou a lidar com os desafios e com suas limitações: “O judô me ensinou a não me importar com nenhum desafio, porque eu lutava com pessoas bem melhores do que eu. E a luxação me ensinou a perceber quando eu estava passando do ponto.”

Seu desejo de maior proximidade com o filho demonstra que existiu uma falta em seu passado, ainda que não reconhecida conscientemente.

Quanto à fase posterior ao nascimento do filho, Carlos afirma:

A gente vai ter que encontrar o nosso jeito de cuidar dele quando ele nascer. Eu escuto o que as pessoas falam, que vai mudar muito, etc., mas eu acho que a gente vai ter que achar o nosso jeito. Nós estamos cada vez mais próximos, e para cuidar do nosso filho, eu acho que vai continuar assim.

Segunda Entrevista - Maurício

Maurício é comerciante, tem 37 anos, casado há cinco anos com Amanda, de 38. Amanda está na 32ª semana de gestação.

Maurício mostrou-se bastante resistente durante toda a entrevista, respondendo da maneira mais breve possível às questões dirigidas a ele. Demonstrou desconforto ao falar sobre si mesmo e sobre sua relação com o pai.

Foi possível perceber uma atitude distante em relação ao seu envolvimento durante a gestação da companheira, na medida em que relata não “senti-la” da mesma maneira como sua esposa.

(...) Acho que para a mulher é diferente, porque ela está gerando um ser, é diferente né. Tem sido muito legal, acho muito interessante, é uma experiência diferente. Mas acho que eu só vou sentir como é ser pai quando nascer. Não é que nem a mulher né, que está lá sentindo a barriga crescer, homem já é diferente. A sensação de ser pai mesmo eu acho que é quando nasce. Eu acompanho, sei que sou pai já, mas aquela emoção eu acho que só vou ter quando ela nascer.

Em relação às mudanças que espera após o nascimento da filha, Maurício fala sobre uma necessidade de maior organização, no sentido de que a chegada de sua filha poderá levar o casal a construir uma estrutura, uma rotina diária, o que não existe neste momento.

Vai ser diferente, vai ter que ter um tempo para ela, final de semana. A gente não tem um cronograma para a semana inteira, e a partir do nascimento dela a gente vai ter que ter né. Eu acho que vai ser mais corrido, mas com o tempo a gente vai administrar isso.

É possível observar, nesta fala, a preocupação com o tempo, presente também no discurso de Maurício.

Sobre a relação com o pai, Maurício fala sobre a ausência deste em sua vida, após a separação de seus pais.

Eu já não tenho tanto contato com ele. Eu cresci com o meu pai até os dezessete anos, aí depois que o meu pai se separou da minha mãe... aí fica sempre aquela mágoa né, por ele ter ido embora, por ter deixado a minha mãe... e hoje ele tem outra família, tem outro filho, eu tenho uma irmã por parte de pai.

Relata sobre a falta de proximidade em sua relação com o mesmo, a ausência de intimidade e afetividade:

Mas o meu pai sempre foi “secão”, distante, durão. Nunca se abriu muito para conversar com os filhos. Meu pai era mais de trabalhar, vir para casa... era assim a rotina dele. A gente não teve muito contato. Não era que nem hoje, que o pai abraça o filho, beija, não, nunca teve isso.

Maurício observa que hoje houve uma mudança no relacionamento entre pais e filhos:

Hoje eu vejo que isso é diferente, eu tenho amigos que têm filhos e é diferente. Eu vejo os pais mais presentes, não tem aquela distância que tinha antigamente, eu não sou tão velho assim, mas existia na minha época. Aquele pai que não se aproxima muito, conversa só o necessário, pelo menos pelo que eu vejo com os meus sobrinhos, eu vejo que não é mais assim.

Quando levado a pensar sobre os motivos deste distanciamento, Maurício pensa na possibilidade de existir uma dificuldade no pai, em relação a demonstrar seus sentimentos. Acredita que existia vontade de ser mais afetuoso, porém não conseguia agir assim. Manifesta o desejo de agir diferente com sua filha:

Eu vou ser totalmente diferente dele, pretendo ser, dar mais atenção, ser mais carinhoso. Eu acho que ele podia até se assim, mas não demonstrava. Hoje quando eu vou na casa dele, ele começa a chorar. Antigamente ele era mais sério mesmo, mais rigoroso. Era o jeito dele.

Considera que sua educação e seu caráter são características trazidas de sua relação com o pai, e identifica-se com a figura paterna nestes aspectos, no que se refere a responsabilidades e função provedora dentro da família:

Ele nunca deixou faltar nada. Ele não dava tudo o que a gente queria, ele segurava um pouco. Não era assim, “eu quero aquela bicicleta”, e ele ia lá e comprava. Não, não era assim. Eu acho mesmo que o pai não pode ser muito mão aberta, não pode dar tudo o que a criança quer, senão ela acaba crescendo de uma outra forma. Você tem que fazer com que ela conquiste aquilo que ela quer. Eu não culpo o meu pai por ter feito isso. De tudo o que eu faço hoje, eu que vou atrás e corro, eu não tenho nada de mão beijada. É isso que faz com que você seja uma pessoa de caráter.

(...)Eu não posso falar que eu não tive uma educação boa. Meu pai sempre me incentivou a estudar.

O resultado desta entrevista me levou a pensar sobre esta dificuldade em expressar os sentimentos, possivelmente trazida da relação com o pai, e penso na hipótese de que a dinâmica desta relação ainda exerce uma forte influência sobre Maurício, na sua maneira de relacionar-se com o mundo, devido ao desconforto manifesto ao falar sobre si mesmo e sobre seus sentimentos.

Terceira Entrevista - Felipe

Felipe é engenheiro, tem 37 anos, casado há 10 anos com Emília, de 33.

Sua esposa está na 32ª semana de gestação.

Felipe mostra-se bastante objetivo, pragmático e seguro em sua fala.

Ao iniciar seu relato sobre a gravidez, fala sobre o aborto sofrido na primeira tentativa. O casal perdeu o primeiro filho em 2008, na 10ª semana de gestação.

É possível perceber que este acontecimento levou o casal a experienciar de maneira diferente esta segunda gravidez, devido aos temores gerados pela primeira experiência, onde sofreram uma perda:

(...) está sendo difícil, porque a gente está com uma expectativa muito grande. Primeiro porque nos primeiros meses a gente estava com muito medo de acontecer algum problema, a gente tem esse medo durante toda a gravidez. É complicado, porque no começo a gente nem se permitiu curtir a gravidez, a gente estava mais preocupado do que outra coisa. Só agora, nesse finalzinho, há dois meses, que a gente começou a curtir a comprar roupinha, a fazer tudo. Então, a gente não vê a hora, porque vai ser uma coisa muito boa, e ao mesmo tempo um alívio, por ter dado certo, depois de ter acontecido um problema.

Ao ser questionado a respeito de suas expectativas após o nascimento, o fator financeiro aparece como uma preocupação, apesar de não considerar este fator como primordial na educação de seu filho.

(...) Eu não tinha dinheiro quando era criança, estudei em colégio público, isso para mim não faz tanta diferença. Mas eu não sei até que ponto isso vai afetar a nossa vida hoje em dia. Hoje eu e minha esposa, a gente tem um nível social maior do que quando eu era mais novo, então, eu não sei qual é a expectativa que a gente vai criar em cima disso. (...) eu acho que hoje a preocupação dos pais é maior, no sentido de poder prover uma vida... como é que eu vou dizer... mais cheia de oportunidades. Morar em São Paulo hoje... eu converso com as pessoas, e é um absurdo o que as pessoas pagam por exemplo, para colégio, para creche, esse tipo de coisa.

Ao explorar mais o assunto, Felipe considera outras prioridades, como saúde, e acredita que não terá grandes expectativas em relação ao filho, no sentido de suas escolhas:

Eu espero que ele tenha saúde, o que eu posso oferecer para ele é saúde, acho que o resto... não tenho grandes expectativas de nada, eu espero que ele seja feliz, no que ele escolher fazer. Eu não tenho

nenhuma diretriz de vida, que ele deva seguir o que eu fiz. Eu não sei se eu vou conseguir, mas eu acho que é uma outra vida, uma história de vida que é dele.

Mais adiante, expõe uma expectativa, em relação aos estudos de seu filho, demonstrando aspectos contraditórios em seu discurso, no que se refere à liberdade e escolha:

(...) Acho que a única coisa que eu vou exigir da criança é isso, estudar. (...) Eu não vou ligar se ele for um atleta, se ele quiser ser um jogador de futebol, um jogador de basquete, sei lá, e não queira fazer uma faculdade, isso é normal, mas ele tem que demonstrar que essa é a área dele. Não dá para ser, por exemplo, ah, quero ser um campeão de natação, mas eu vou sair todo dia pra balada, por exemplo, não dá. Tem que ter dedicação.

Demonstra certo distanciamento emocional ao falar de aspectos possivelmente carregados de conflitos em sua vida, como o alcoolismo do pai. Pode-se considerar este comportamento como defensivo, na medida em que suas reações emocionais parecem encobertas por uma grande objetividade e racionalização. Seu pai foi alcoolista, e faleceu quando Felipe tinha quinze anos, decorrente de complicações de saúde, devido ao vício. Felipe não tem muitas recordações de sua infância, possivelmente devido a um mecanismo de defesa contra as lembranças dolorosas vivenciadas nesta época. Recorda que o período dos dez aos quinze anos foram os mais difíceis para ele, no que se refere à doença paterna. Diz: “A experiência que eu tive com o meu pai, são poucas coisas que eu lembro né, porque a fase boa foi durante pouco tempo... assim, mas ele foi um bom pai, enquanto ele estava mais lúcido.”

Questionado sobre a proximidade como pai, afirma:

(...) ele foi muito afetado por conta deste problema dele, mas a gente tinha bons momentos... eu lembro do meu pai me levar no zoológico, no maracanã, ele gostava muito do Flamengo, a gente ia aos jogos juntos, a gente viajava, então a relação foi normal até determinado ponto. Depois é que ficou muito abalada.

Sobre o distanciamento emocional e a racionalização, podem ser observados nesta fala:

(...) não sei se é porque eu sou engenheiro, e por isso eu sou mais pragmático, mas eu acho que você tem que conviver com as coisas que você tem. Tipo, eu vivi desde os quinze anos sem pai, ok, você vai fazer o que. É assim, não tem o que fazer. Vai em frente. Siga a vida. Ah, mas eu queria que os meus pais trabalhassem menos, ficassem mais comigo, você queria, mas você não pode. Não dá, e você vai ter que conviver com isso. Acabou. Ou seja, é não deixar crescer na cabeça da criança a idéia de ah, eu sou um coitado, ah, o meu pai... não, é cortar o negócio pela raiz. Não vai criar um trauma em cima disso, porque é assim que vai ser.

Afirma que o alcoolismo de seu pai mudou sua maneira de relacionar-se com as pessoas:

Como desde pequeno eu tive esse problema com ele, eu acho que criou, não sei se uma “casca”, eu criei um padrão de comportamento, que eu não me importo com o que os outros falam, ou os outros acham. Se eu acho que aquilo é certo, e eu acho que eu tenho que fazer aquilo, eu faço e acabou. Talvez eu tenha sido influenciado pela doença dele porque a gente acabou tendo que se proteger muito, eu e minha mãe. A gente vivia muito sozinho, e era muita crítica, as pessoas falavam coisas que não tinham nada a ver, ah, seu pai bebe por isso, seu pai bebe por aquilo, ah, sua mãe não cuidou direito do seu pai, por isso que ele bebe. E na fase da adolescência eu comecei a ver que isso era uma idiotice, isso não existe. Que as pessoas não sabem do que estão falando. Na maioria das vezes a pessoa quer orientar a sua vida sem saber do que está falando. Então, eu não tenho esse problema. Isso até torna a convivência difícil com as outras pessoas. Porque eu ligo para a opinião dos outros, mas primeiro é a minha. Primeiro, a minha felicidade, depois a dos outros. Eu falo para a minha esposa, nossa família sou eu, você, e o neném, e o gato que a gente tem. Essas quatro entidades têm que estar felizes primeiro, depois são os outros.

A presença da mãe parece ter sido maior durante sua vida, e manifesta preocupação, no que se refere à presença materna para o seu filho. Fala sobre a questão do tempo, e não sabe ainda como irá administrar o tempo no trabalho com o tempo em família:

A minha mãe não trabalhava, então a minha mãe estava muito presente na nossa vida. Hoje, isso não vai acontecer, tanto eu como a minha esposa, a gente vai trabalhar fora. Não sei como vai ser esse convívio... porque hoje, a gente trabalha aqui, aí volta para casa e continua trabalhando, às vezes a gente viaja a trabalho... não sei muito bem como é que vai ser isso. O que a gente vai tentar é fazer com que os momentos que a gente passe com a criança seja dedicado à criança.

Apesar do pouco tempo de convivência, recorda-se da presença de seu pai em sua vida: “O meu pai sempre me influenciou para os estudos, para o esporte, sempre procurava estar junto da gente, viajando, então eu acho que este tipo de coisa eu vou manter, eu acho importante isso, estar presente.”

É importante observar, quando Felipe fala sobre a questão do tempo com o filho, que este acredita ser a idade por volta dos dez anos, a fase em que seu filho precisará de maior atenção. Podemos considerar esta crença como um projeção, devido a esta fase (dos dez ao quinze anos) ter sido conflituosa em sua vida, pois foi a fase em que, segundo seu relato, teve maior dificuldade em seu relacionamento com o pai. É possível entender esta necessidade como uma tentativa de resgate desta fase de sua infância, levando-o a sentir necessidade de estar mais próximo do filho:

(...) eu tenho um plano, para quando ele tiver uns dez anos, eu quero diminuir a minha carga de trabalho. Porque eu acho que é uma época que é mais... quando é criança eu acho que não afeta tanto, mas por volta desta idade, por volta de oito ou dez anos, vale a pena você investir mais no tempo com o seu filho. Eu vou procurar flexibilizar a minha carga de trabalho para isso. Não sei se vai ser possível, é um plano, mas é o que eu penso.

Em relação ao futuro, Felipe afirma:

(...) eu não sei o que vai acontecer daqui a cinco, seis anos, eu não sei o que a minha esposa vai... como é que ela vai atuar com a maternidade, como é que eu vou trabalhar com a paternidade, mas a princípio, eu quero conviver com ele, quero estar com ele, quero influenciá-lo para as boas coisas (...).

Sobre sua individualidade, Felipe parece considerar difícil mantê-la após tornar-se pai: “Eu quero tentar manter a minha individualidade também e não querer fazer assim, viver em função completamente do filho. Eu não sei se isso vai ser possível, porque pelo que as pessoas falam, não é.”

CAPÍTULO 8

DISCUSSÃO

A partir destes dados obtidos, foi possível perceber algumas semelhanças entre os relatos. Dentro do tema referente ao relacionamento com o pai, ambos os entrevistados manifestaram algum tipo de ausência, seja pelos compromissos de trabalho do pai ou por fatores relacionados à personalidade, ou mesmo por questões de conflitos familiares. Em todos, o pai torna-se ausente em determinado momento de suas vidas. Esta ausência passa a ter conotações diferentes, de acordo com a maneira como cada um se confronta com esta realidade, seja mantendo-a distante da consciência, ou distanciando-se de reações emocionais, racionalizando sobre esta realidade. Apesar desta ausência, o pai torna-se uma figura influente na maneira destes homens pensarem sobre a paternidade. A figura do pai de cada entrevistado exerce sobre eles um direcionamento, uma orientação, a partir de situações vividas desde a infância, no que se refere ao que se deve esperar do exercício da função paterna. Suas expectativas frente ao futuro com seus filhos mostram-se vinculadas às experiências vividas com o próprio pai, na medida em que apresentam desejo de mudança, e em outros momentos, manifestam identificação com alguns aspectos da figura de seus pais, como a objetividade, a valorização do caráter e responsabilidade, características que observam em si mesmos e desejam reproduzir para seus filhos.

Pode-se observar que a expectativa da paternidade traz para estes homens uma necessidade de organização, no que se refere à administração de tempo e dinheiro, o aspecto pragmático e objetivo foi fortemente percebido nos relatos. A imagem paterna parece ainda estar atrelada ao aspecto provedor, ainda que estas responsabilidades materiais sejam divididas com suas esposas, e o lado racional (pensamento, sensação) da consciência apresenta-se em sobreposição ao lado irracional, relativo aos sentimentos e intuição nestes homens. A persona encontra-se relacionada com características como a objetividade, distanciamento emocional e racionalidade. Os aspectos sombrios podem ser reconhecidos como emotividade, relação com a fantasia e aspectos criativos da psique.

O desejo de mudança na relação com seu filho foi percebido em todas as falas, no que se refere à proximidade paterna. O contato físico, a relação de corporalidade com o pai foi sentida como uma falta, e a expressão da afetividade entre pai e filho foi vista como

importante para os três participantes. Reconhecem a importância da proximidade emocional no relacionamento futuro com seus filhos, e desejam exercer este contato.

Apesar deste desejo de mudança, pode-se observar que não existe uma referência para estes futuros pais, um modelo de paternidade a ser buscado. Em dois relatos, existe a busca por encontrar sua própria maneira de exercer a paternidade, com a preocupação com a manutenção de sua individualidade e a do filho. Esta transição pode ser entendida, nestes relatos, como algo a ser construído, sem metas ou objetivos rígidos de conduta, no que se refere ao relacionamento pai-filho. Estes homens estão iniciando um processo no qual não existem parâmetros pré definidos, deverão vivenciar a paternidade de modo a descobrir sua própria maneira de vivenciar estes aspectos.

É possível observar, neste resultado, que a persona destes homens está fortemente identificada com a figura de seus pais, com o modelo patriarcal. Os aspectos do feminino, relacionados com a espontaneidade, a criatividade, a expressão das emoções e dos instintos não foram integrados pela consciência, e esta característica os torna rígidos e inflexíveis em alguns aspectos de suas vidas. Este fato pode ser observado através da dificuldade em expressar suas emoções e entrar em contato com os sentimentos relacionados à ausência paterna, observados através da racionalização em suas falas. A necessidade de controle também pode ser atribuída à unilateralização da consciência, que recusa-se a entrar em contato com o inédito, com os aspectos criativos e espontâneos da psique, vivenciando apenas os aspectos do masculino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi compreender de que maneira os homens entrevistados vivenciam a espera pela chegada de seu primeiro filho, considerando as mudanças sociais na representação social da paternidade e suas implicações no âmbito familiar, assim como os fatores psicológicos envolvidos neste processo de transição. A influência do pai pessoal destes homens foi investigada, buscando analisar de que maneira a experiência com o próprio pai participa da construção do ideal de paternidade destes futuros pais.

Foi realizada uma pesquisa qualitativa, a qual possibilitou avaliar os sentimentos, as expectativas, os aspectos sombrios e a influência da persona dos voluntários nesta construção.

Os resultados obtidos expõem aspectos em comum entre os três homens, como a sensação de distanciamento emocional relacionado à figura paterna, e o desejo de modificar alguns padrões vivenciados na infância, com a vontade de serem mais próximos afetivamente de seus filhos. Identificam-se com aspectos da figura paterna relacionados à responsabilidade frente às exigências do mundo externo, comprometimento com suas metas e ideais, além do movimento em direção ao planejamento, a fim de procurarem prover uma boa condição econômica para seus filhos. A atitude pragmática frente à vida pode ser observada como uma dificuldade de contato com os aspectos criativos da psique, no que se refere à espontaneidade e à aceitação da imprevisibilidade da vida.

Assim, a influência do pai pessoal apresenta-se de maneira marcante na fala destes homens, em seus ideais de masculinidade e em fatores relacionados ao aspecto provedor na família. Esta característica pode ser percebida através da importância atribuída ao fator financeiro a partir da chegada do primeiro filho, e as preocupações em relação ao suprimento de suas necessidades. Esta valorização do aspecto provedor da paternidade pode estar atrelada ao papel social exercido pelo homem dentro da família desde épocas remotas, apesar das mudanças sócio-econômicas pelas quais a sociedade vem sendo atingida, onde a mulher hoje participa ativamente da geração da renda familiar. Portanto, podemos compreender esta realidade considerando que existe, nestes homens, uma persona influenciada pela cultura de gerações anteriores, apesar da constatação do desejo de mudança, da necessidade da construção de um novo ideal de paternidade por eles.

Pode-se pensar, a partir destes dados, que existe um desejo de mudança, porém estes homens procuram ainda por referenciais. Estes referenciais devem ser buscados internamente, por se tratar de um momento de transição, onde os papéis rigidamente determinados anteriormente estão sendo questionados. É necessário construir novas maneiras de vivenciar estes papéis, e pela falta de referências, por se tratar de algo novo, este desafio só é possível a partir de uma busca interna, a partir de referenciais do próprio sujeito, que busca encontrar em si mesmo o sentido de suas escolhas, e criar a partir de então seus próprios parâmetros de conduta.

Acredito que este processo só é possível através da prática diária, somente através da disposição em enfrentar a realidade, e em experienciá-la na medida em que os desafios surgirem, procurando lidar com as expectativas e as frustrações originadas no exercício da paternidade. Penso que a vivência com o próprio pai sempre irá trazer, para estes homens, algum ponto de apoio, onde estes podem buscar auxílio sempre que necessário, pois a figura do pai pessoal é internalizada pela psique. Assim, buscando compreender e atualizar a imagem de seus próprios pais, estes homens estão buscando compreender a si mesmos.

Esta pesquisa traz, como contribuição ao meio científico, a oportunidade de compreender estas mudanças nas relações pai-filho como um processo contínuo, uma construção, onde não existem referenciais ou padrões de conduta, e é possível perceber uma maior valorização do aspecto afetivo, onde o pai permanece com o desejo de prover, porém procura desenvolver em si outros aspectos, anteriormente relacionados apenas à figura materna, como o acolhimento e a permissão de manifestações de afeto. Esta nova configuração pode permitir um maior contato destes pais com seus próprios sentimentos, ainda que estes se mostrem excessivamente racionais e distantes emocionalmente em suas falas.

Foi possível perceber aspectos relacionados à persona e à sombra na psique destes homens, e penso que se torna necessário a realização de novas pesquisas para o aprofundamento destes temas, e ainda para explorar de que maneira estes novos pais relacionam-se com sua alma, com seus aspectos criativos.

Pode-se considerar, como fator importante trazido por esta pesquisa, o aspecto do questionamento, a possibilidade, trazida por estes homens, de iniciar um processo de mudança, o desejo de descobrir, por si mesmos, novas maneiras de lidar com as exigências atribuídas à função paterna. Apesar de demonstrarem excessiva racionalização e objetividade, estes homens se permitem questionar a realidade, os padrões estabelecidos e sua própria

experiência enquanto filhos. Esta capacidade de questionamento é o que possibilita a abertura para o novo, para a criatividade. É a partir deste movimento que estes homens podem entrar em contato com aspectos do feminino em suas personalidades, e iniciar uma jornada em busca de suas verdadeiras identidades, alicerçadas na Totalidade, evitando o aspecto unilateral da consciência.

Assim, integrando aspectos do feminino na consciência, estes futuros pais podem vivenciar de maneira plena seus potenciais, podem exercer a paternidade a partir de referenciais internos, e não através de padrões socialmente determinados. O desafio é a busca destes referenciais internos, e este caminho pode ser realizado através da relação com o outro, através da experiência do cotidiano. Os homens desta pesquisa tem a oportunidade, nesta nova etapa de sua vidas, de desenvolverem seus potenciais criativos, na medida em que permitirem a abertura para o novo, e experimentarem, na relação com filho, o contato com sua própria criança interna.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, MARIA BEATRIZ V. B. *Paternidade e subjetividade masculina em transformação: crise, crescimento e individuação. Uma abordagem junguiana*. São Paulo, 2007. Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- ANDREANI, Grace. *Satisfação e responsabilidade: o envolvimento do pai na gravidez durante a transição para a parentalidade*. Florianópolis, 2006. Dissertação de mestrado apresentada ao Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina.
- BORNHOLDT, ELLEN A.; WAGNER, A.; STAUDT, ANA C. P. *A vivência da gravidez do primeiro filho à luz da perspectiva paterna*. In: *Revista Psicologia Clínica*, v.19 n.1 Rio de Janeiro 2007.
- BRASILEIRO, R.; JABLONSKI, B.; CARNEIRO, T. *Papéis de Gênero, Transição para a paternidade e a questão da Tradicionalização*. PUC – Rio. In: *PSICO*, 33 (2): 289-310, jul./dez., 2002
- DEL PRIORE, MARY. *História do Amor no Brasil*. I. ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- FARIA, DURVAL L. *O pai possível. Conflitos da paternidade contemporânea*. São Paulo: EDUC - FAPESP, 2003.
- GOMES, AGUINALDO J. S.; RESENDE, VERA R. *O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea*. In: *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. vol.20, n.2, 2004.
- JUNG, C. G. *Os arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. 2. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- _____ *Freud e a Psicanálise*. 3. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- _____ *Memórias, Sonhos e Reflexões*. 11 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1989.
- _____ *Tipos Psicológicos*. 3. ed. Zahar Editora, Rio de Janeiro, 1976.

LATRY, CLAUDE. *O PAI. Symbolon. Estudos Junguianos*. Conferência de 26 de outubro de 1995, em Annery, França. Disponível em: <http://www.symbolon.com.br/index2.htm>. Acesso em 15 de novembro de 2009.

MENEZES, Clarissa Corrêa. *A relação conjugal na transição para a parentalidade: da gestação ao segundo ano de vida do bebê*. Dissertação de Mestrado não publicada, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001

NEUMANN, ERICH. *A criança*. Estrutura e Dinâmica da Personalidade em Desenvolvimento desde o Início de sua Formação. Ed. Cultrix, SP, 1980.

OCAMPO, Maria L. S., ARZENO, Maria E. G., PICCOLO, Elza G. e colaboradores. *O processo psicodiagnóstico e as técnicas projetivas*". Livraria Martins Fontes Edit. Ltda., Rio de Janeiro, 1990.

PENNA, ELOÍSA M.D. *O paradigma Junguiano no Contexto da Metodologia Qualitativa de Pesquisa*. Artigo baseado em trabalho apresentado no III Congresso Latino-Americano de Psicologia Junguiana, em Salvador, em 2004.

PICCINICI, CESAR A.; LEVANDOWSKI, DANIELA C. *Expectativas e Sentimentos em Relação à Paternidade entre Adolescentes e Adultos*. *Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Jan-Abr 2006, Vol. 22 n. 1, pp. 017-028.

PICCININI, CESAR A.; SILVA, MILENA R.; GONÇALVES, TONANTZIN R.; LOPES, RITA S.; TUDGE, JONATHAN. *O envolvimento paterno durante a gestação*. *Revista Psicologia: Reflexão e Crítica*. v.17 n.3 Porto Alegre 2004.

PRADO, ALESSANDRA B.; PIOVANOTTI, MARCELO R. A.; VIEIRA, MAURO L. *Concepções de pais e mães sobre comportamento paterno real e ideal*. *Revista Psicologia em Estudo*. v.12 n.1 Maringá jan./abr. 2007.

STEIN, MURRAY. *Jung – O Mapa da Alma: Uma introdução*. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

ZOJA, LUIGI. *O pai. História e psicologia de uma espécie em extinção*. São Paulo, Axis Mundi, 2005.

ANEXOS

ANEXO 1

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Como tem sido para você a experiência de aguardar a chegada de seu filho(a)?
2. Como foi a relação com o seu pai?
3. Como você acha que esta relação com seu pai irá influenciar na sua convivência com seu filho(a)?

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – COGEAE

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu,.....RG.....
dou meu consentimento, livre e esclarecido, para participar voluntariamente da pesquisa desenvolvida pela psicóloga Teresa Cristina de Oliveira Silva, CRP 06/84177, do curso de Abordagem Junguiana da PUC-COGEAE, sob orientação do Prof. Durval L. Faria. Declaro estar ciente dos objetivos e procedimentos desta pesquisa. Obtive as informações necessárias para a participação no referido estudo, e recebi a garantia de que meus dados pessoais serão mantidos em sigilo. Estou ciente de que os resultados obtidos serão divulgados para a instituição de ensino, sendo que poderei ter acesso aos mesmos. É também, de meu conhecimento, que poderei ser atendido pela psicóloga para sanar qualquer dúvida ou pedir qualquer esclarecimento que se fizer necessário, após a minha participação. Este documento possui duas vias de igual teor, ficando uma delas sob meu poder.

.....
Participante

.....
Psicóloga

.....,de.....de 2010

ANEXO 3

Entrevistas

Primeira entrevista

Data: 05/05/10

Entrevistado: Carlos, médico radiologista, 35 anos

Esposa: Sandra, patologista e médica legal, 33 anos

Gravidez: 28 semanas

Duração da Entrevista: 1 hora e 15 minutos

P: Como tem sido a experiência desta gravidez para você?

Eu recebi a notícia com muita alegria, fiquei muito contente... a gente estava planejando há um tempo e fiquei muito contente. A gente está casado há seis anos, né... e a gente estava esperando ficar pronto o nosso apartamento, para a gente poder ter filho, e antes disso ia ser difícil. A casa onde a gente morava era pequena, e a gente estava de mudança, porque ela também não queria mais morar lá... e a gente planejou para ter exatamente neste período. E deu tudo certo, a gente planejou, e logo no começo, na primeira tentativa a gente engravidou, e ela me contou logo no início. Ela me avisou logo nas primeiras semanas, cinco ou seis semanas...

P: E como foi receber a notícia?

Desde que fiquei sabendo da gravidez, fiquei muito mais alegre, com muito mais disposição, tenho mais vontade de trabalhar, para comprar coisas para ele. É uma alegria a mais que eu tive na vida, e eu pretendo que isso só melhore, só acrescente mais à minha vida.

P: E como tem sido acompanhar a gestação?

No começo da gravidez, eu conseguia acompanhá-la mais nas consultas, por causa da disponibilidade de tempo do obstetra, mas agora, nesta fase, quem acompanha mais a minha

esposa nas consultas é a minha sogra, porque ela tem disponibilidade de tempo. Mas sempre que eu posso, eu vou junto. A cada consulta fico cada vez mais contente, cada vez mais alegre, vemos pelos exames que está tudo bem, os exames estão todos normais.

P: Vocês pensam em ter outro filho?

É o nosso primeiro filho tanto meu quanto dela, eu sou filho único também, e a gente não pretende ter outro filho, a gente sabe que é difícil... a gente só planejou ter um mesmo, desde o começo. Eu acho que talvez a gente não consiga dispor do mesmo tempo que a gente vai dispor para o L., para o nosso filho, caso a gente venha a ter outros filhos. Porque tanto eu como ela nós trabalhamos muito, vários finais de semana, neste fim de semana por exemplo, ela vai trabalhar no sábado, e eu trabalho no domingo, dia das mães...então para um filho a gente vai ter tempo, a gente consegue...mas a partir do segundo, ou do terceiro, já fica complicado, até para ter espaço, e conseguir dar as mesmas condições de escola, de atenção, de lazer, né...tentar oferecer o máximo possível...e também, no mundo tem muita gente né... Então a questão é tempo, espaço, dinheiro, e eu não vejo problema em ter um único filho.

P: Como você acha que vai ser a vida de vocês após o nascimento do seu filho?

A gente vai ter que encontrar o nosso jeito de cuidar dele quando ele nascer. Eu escuto o que as pessoas falam, que vai mudar muito, etc., mas eu acho que a gente vai ter que achar o nosso jeito. Nós estamos cada vez mais próximos, e para cuidar do nosso filho, eu acho que vai continuar assim. A gente vai cuidar junto do nosso filho, e a nossa relação só vai melhorar. E agente não vê problema algum, mesmo que a gente não tenha ajuda direta dos meus pais ou dos pais dela, ou de qualquer outro membro da família, pelo motivo que seja, a gente vai cuidar da mesma forma, com o mesmo empenho.

Minha maior preocupação, imediata, é quem vai tomar conta dele enquanto a gente não pode fazer isso. Não sei quem vai fazer isso, mas a gente vai encontrar. E um pouco mais para frente, seria a formação dele. Não faço questão que ele estude, se ele for um jogador de futebol, e a vida dele for boa assim, não há problema algum, mas tem que fazer bem feito. Não vou exigir demais dele, só que ele faça as coisas da maneira correta. Eu me cobro hoje no sentido de tomar conta do meu filho, de não deixar ele se perder no meio do caminho, pelo motivo que for. Hoje é bem diferente da minha época, acho que hoje as crianças estão

amadurecendo muito rápido, por vários motivos, pela internet, todos os assuntos são tratados de maneira ampla e irrestrita, com muito pouco filtro. Mesmo os desenhos... na minha época nem a morte era direito abordada, porque a branca de neve não morreu, ela ficou dormindo e acordou. Hoje em dia, tem o rei leão que morreu, logo na primeira cena do filme. Hoje tudo é tratado e maneira muito franca e aberta, sem restrições.

Eu espero que ele seja feliz, apenas isso, mesmo que seja contra a minha vontade. Se ele goste de alguma coisa que eu não aprove, eu vou dizer a ele, que eu não aprovo, mas se ele estiver feliz, para mim está bom, mesmo eu não gostando. Mas não vou ajudá-lo nisso. Mas, se ele quiser fazer algo eu acho que é legal para ele, eu vou dar apoio e vou ajudá-lo. Mas nunca vou falar “não vou deixar você fazer”, apenas vou dizer “não gostaria que você fizesse”. Se eu não gostar, não conte comigo. Eu queria que ele fosse responsável, apenas isso. E que tivesse hombridade, fosse corajoso. Que não tivesse medo em excesso, apenas um medo natural.

P: Me fale um pouco sobre a relação com o seu pai...

O meu pai tem uma característica muito peculiar, ele é bibliotecário, o principal divertimento dele sempre foi a leitura, ele é bem eclético, ele gosta de qualquer coisa, de Egito Antigo, de Lampião, de literatura, de bioquímica, ele gosta de qualquer coisa. Ele tem uma biblioteca particular que já está com 5.500 livros, tem de livros “porcaria” a livros raríssimos, gosta de qualquer assunto, tem uma sociabilidade muito grande. Esta é a parte boa. A parte ruim é que ele é um pouco introspectivo, em alguns aspectos, fica muito em casa, gosta de ficar quieto em um canto lendo um livro...ele é tabagista, então ele se tranca em um quarto para fumar, para não ir fumaça para o resto da casa, tem pavio curto, é um pouco bravo, um pouco nervoso, ele sempre foi assim. Quando era criança ele me dava atenção, mas ficava mais na dele. Ele sempre procurava estar comigo nos momentos em que ele podia, não em todos os momentos. Quando ele podia e quando ele achava que era importante... nos aniversários, nas datas comemorativas, no Natal, Ano Novo, Páscoa, formatura, quando eu me casei ele foi no meu casamento... Ele não é daqui, mora em Araraquara, mas se ele morasse aqui em SP, ele não é uma pessoa que você poderia chamar para ir no clube jogar futebol, não, ele não iria. O tipo de coisa que ele gosta de fazer é outra, e eu não vejo nenhum mal nisso. Ele se diverte com outras coisas.

P: E você, como é?

Eu também me relaciono bem com as pessoas, acho que sou relativamente bem articulado. Mas eu fiz oito anos de judô, adoro futebol, ele assiste só de vez em quando, ele torce para o Corinthians e eu torço para o São Paulo, ou seja....ele não exerceu um influência paternalista “do cajado” para cima de mim. Ele me deixou bem à vontade para eu seguir o meu caminho. Eu não me divirto muito com a leitura, eu me canso de ler, quando eu vou estudar eu sou bem prático, eu consigo filtrar do texto aquilo que é importante, e aquilo que é só para deixar o texto mais bonito eu procuro tirar. Eu sou um pouco minimalista neste aspecto. Então, não é que eu queira me opor ao meu pai, é só que eu me divirto com outras coisas, mais com futebol do que com um livro. Na escola o meu pai sempre me ajudava, claro que sempre era melhor na parte que ele gostava, que era a parte de ler. Dom Casmurro, eu lia, entendia só 15 ou 20 % do que estava ali, e ele já defendeu uma tese sobre Dom Casmurro, por exemplo. Nesta parte, de literatura, eu falava “me ajuda, que eu não entendi direito”. Mas se fosse um problema de matemática, eu não ia me dar muito bem. Minha mãe era professora de história e geografia, ela me ajudava também. E qualquer outro problema na infância que eu tivesse ele me ajudava também, seja na escola, no judô, se eu precisasse de dinheiro para alguma coisa, ele também me dava, nunca me negou nada. Ele sempre foi presente, apesar da característica dele, que não é boa nem ruim, é dele. O meu pai é extremamente correto. Se ele vai fazer uma compra, compra dez bacias e cobram nove, ele vai falar, olha são dez bacias e não nove. Muito disso eu tenho dele. Eu sou uma pessoa que não mente, por opção. Eu não escondo, não omito e não minto. Sou uma pessoa relativamente estudiosa, só que sou preguiçoso. Eu não sou o primeiro da turma, se tem cem vagas, eu me contento com a posição noventa e nove. Eu nunca fui o primeiro da turma, mas por opção. Eu sempre fiz o necessário para ficar mais ou menos na média. Eu estudava quando eu precisava, quando eu não precisava, não estudava. O meu pai fazia faculdade e parava, fazia outra e parava. Eu não, quando eu começo uma coisa, eu vou até o fim. Não sou de desistir daquilo que eu faço. Sou bem persistente, não por teimosia. Quando eu escolho, eu termino, concluo aquilo que eu começo. E eu planejo muito, demais. Tudo o que eu vou fazer, eu planejo de maneira sistemática. Nisso eu sou bem diferente do meu pai, ele não planeja nada, não se preocupa tanto quanto eu. Eu procuro me preocupar com todas as coisas, até onde eu consigo.

P: Me fale mais sobre esta fase, da sua infância...

Tanto o meu pai quanto a minha mãe trabalhavam. Os dois estudavam. Minha mãe tem cinco faculdades, fez pós-graduação. Ela estudou a vida inteira, e agora que está aposentada, quer prestar um concurso para voltar a trabalhar. Mas eu me sentia bem em casa, ficava bem sozinho quando criança, isso não me incomodava, nunca pedi um irmão, nunca senti falta. Eu nunca dei trabalho também, não era uma criança rebelde, era dentro da normalidade. E espero que pelo menos essas partes boas também fiquem para o meu filho, da mesma forma.

P: E o que você espera para o seu filho nesta questão, dos estudos?

Eu pretendo colocar o meu filho na melhor escola possível, o mais perto de casa possível também, e pretendo acompanhar o estudo dele a todo momento, até o ponto em que eu achar que ele já está indo bem, que ele já consegue se virar sozinho, e sem pressionar, mas cobrando né. Não vou querer que ele tire dez, mas não vai tirar dois também. Acho que a principal dificuldade dos pais hoje é modular o caráter e a sociabilidade dos filhos. Outro problema hoje acho que seria o tempo. Se eu não trabalhar, eu não consigo oferecer as coisas que eu quero oferecer para ele. Se eu ganhasse na Mega Sena ficaria mais fácil. Tenho um projeto de não trabalhar tanto no futuro quanto eu trabalho hoje, de seis anos para cá consegui diminuir bastante o meu ritmo de trabalho, e penso nisso hoje de maneira mais contundente, devido à gravidez.

P: Você falou que seu pai e sua mãe sempre trabalharam, nesta época não era muito comum a mulher trabalhar fora...o que você pensa sobre isso?

Pois é, não era uma situação comum. A geração do meu pai era um pouco mais machista e patriarcal. Minha mãe só teve irmãs, e todos os maridos das minhas tias trabalhavam, e com algumas exceções, a mulher trabalhava também. Mas eram eles que eram os chefes da casa, os chefes da família né. Por parte de pai, eles casaram um pouco depois, então já mudou um pouco o perfil. Tenho um tio que é engenheiro, que casou com uma engenheira. Tenho um tio que é divorciado. E a irmã do meu pai foi casada com um marido totalmente machista e conservador, acabou se separando também. Acho que essa era a moda da época, as pessoas agiam daquela forma. Meu avô paterno era extremamente machista, e o materno não. Ele dava bronca na minha avó quando ele tava dando à luz dentro de casa, porque ela estava

fazendo muito barulho, por exemplo. Já o meu outro avô, seria incapaz de falar um palavrão. Não era machista, era extremamente liberal.

Eu acho que existe uma certa pressão da sociedade hoje para que as pessoas não sejam mais dessa forma, esse machismo, uma pressão salutar.

Eu acredito que existe muita coisa que é intrínseca, que a gente aprende e adquire da família, e tem muito estímulo externo, da sociedade, tudo o que nos cerca...o momento do país, a situação financeira, tudo isso modula...

P: Existe algo que você faria de maneira diferente com o seu filho, pensando em como foi a sua relação com o seu pai?

Eu acho que eu seria um pai que ficaria mais próximo do meu filho. Buscar no colégio todo dia, por exemplo. Eu morava a um quarteirão da minha casa, então meu pai não precisava fazer isso. Então, até aí tudo bem. Mas eu acho que levaria ele para ver um jogo de futebol no Morumbi, acho que eu ia jogar futebol com ele. Eu não ia esperar ser procurado. Eu ia tomar a iniciativa, ao invés de ter uma atitude mais passiva. Eu sempre me dei bem como filho único, nunca me senti solitário, ou com falta de amigo, mas é que eu sou diferente do meu pai, eu gosto de participar mais o que as pessoas queiram que eu participe. Quero passar para o meu filho o caráter, a honra, ensiná-lo a assumir as responsabilidades, isso eu tive na relação com o meu pai. Isso eu trouxe comigo, e pretendo passar para o meu filho.

P: Existiu alguma outra figura masculina marcante para você nesta fase, da infância à adolescência?

Sim, o meu avô. Eu passava muitas das minhas férias com o meu avô materno, e apesar de ele ter muitos netos, eu achava que ele gostava especialmente de mim, porque eu era aquele que era mais próximo dele, no sentido de fazer as coisas que ele gostava de fazer. Ele era bem simples, gostava de levantar às 04 da manhã para ir no sítio, e eu queria ir junto, mesmo com 4 , 5 anos de idade. Eu me dava muito bem com ele neste aspecto. Ele foi, na minha opinião, a segunda figura masculina mais importante para mim. Era bem diferente do meu pai, na era nem melhor nem pior. Era um contato esporádico, só nas férias. Conforme eu fui crescendo foi diminuindo a frequência com que eu ia para o sítio, e na idade adulta, foi por falta de tempo mesmo, eu trabalhava muito, e estudava demais.

P: Você falou sobre seus interesses, que sempre foram diferentes dos de seu pai, pelos esportes, por exemplo. O que você acha que essa diferença trouxe para você?

O judô me ensinou muita coisa. Eu luxei minha clavícula lutando aos 14 anos, porque eu era muito competitivo, era federado, e disputava. E, hoje em dia, se eu fosse lutar novamente, não seria mais competitivo da maneira como eu fui. Eu gostei muito de fazer judô, porque é um esporte que modula muito o caráter. Apesar de ser mais marcial, você tem todo um ritual que você é obrigado a fazer. Por exemplo, sempre tem que estar com o quimono arrumado para lutar, a faixa deve estar presa de uma certa maneira, determinada. Você obrigatoriamente precisa cumprimentar o adversário antes e após a luta. E tem uma série de outras regras de disciplina durante a luta. Então apesar de ser um esporte altamente competitivo, é uma disputa com regras. O judô me tornou muito competitivo, em todas as áreas. Esta experiência fez com que eu me obrigasse a passar na Fuvest, custasse o quanto fosse, porque se eu luxei a clavícula e lutei mesmo assim, quase desmaiando de dor, e não perdi a luta, então eu poderia passar no vestibular. Então, eu me obriguei a fazer o que fosse possível, dentro dos parâmetros éticos, para passar na Fuvest. Mas teve uma parte ruim nisso tudo. Há um tempo atrás, quando eu tirei carta, eu não admitia que alguém me fechasse no trânsito, de maneira errada, eu esbravejava até o fim. Hoje em dia, eu nem ligo, eu consigo modular isso de maneira mais racional. Hoje eu vejo que isso pouco importa, vejo que eu era muito competitivo no trânsito. O judô me ensinou a não me importar com nenhum desafio, porque eu lutava com pessoas bem melhores do que eu. E a luxação me ensinou a perceber quando eu estava passando do ponto.

Segunda entrevista

Data: 16/05/10

Nome: Maurício, 37 anos, comerciante

Esposa: Amanda, 38 anos, comerciante

Gravidez: 32 semanas

Duração da entrevista: 55 minutos

P: Como tem sido a experiência desta gravidez para você?

É uma coisa nova né, é o primeiro filho né...sei lá, eu acho que a gente só sente mesmo quando nascer né. Por enquanto a gente está naquela fase de curtir, nós fizemos tratamento durante um ano para poder engravidar. Não sei se foi por causa da idade, porque nenhum dos dois é novinho né, mas tivemos que fazer tratamento. Então, a gente fez este tratamento, durante um ano, e quando a gente menos esperou, ela tava grávida. A gente chegou a pensar em adotar, mas então ela engravidou.

P: Então foi difícil para vocês conseguirem engravidar.

É, mas eu acho que a partir do 30 anos já existe uma dificuldade maior, principalmente para a mulher né.

P: O que levou vocês a tomarem a decisão de ter um filho?

Nós temos 5 anos de casados e no começo do casamento a gente não queria ter filhos, não queríamos logo para o começo. E depois, com o tempo, a gente planejou ter. A gente não quis esperar mais por causa da idade dela.

P: A idade então foi um fator importante?

A idade pesou. Se fossemos mais novos, a gente não teria agora também, a gente ia esperar mais. Porque, como gente trabalha por conta, então é só nós né...então é meio complicado. Nenhum dos dois fica parado, estamos sempre trabalhando...então é mais difícil para cuidar da criança, a gente sabe que não é só por no mundo né. A maioria dos produtos aqui da loja somos nós que confeccionamos, se não fosse por isso sobraria mais tempo. Mas como somos nós que fabricamos, isso agrega mais serviço.

P: E como tem sido para você acompanhar o crescimento de seu filho?

Quando eu soube da gravidez, eu fiquei muito feliz, muito contente, tanto por mim quanto por ela. Eu acho que para a mulher, ser mãe é...acho que a maioria, todas sonham com isso, e quando não têm esse privilégio, ficam chateadas. Acho que para a mulher é diferente, porque ela está gerando um ser, é diferente né. Sentir crescendo...eu acho que é uma experiência diferente.

P: E para você?

Tem sido muito legal, acho muito interessante, é uma experiência diferente. Mas acho que eu só vou sentir como é ser pai quando nascer. Não é que nem a mulher né, que está lá sentindo a barriga crescer, homem já é diferente. A sensação de ser pai mesmo eu acho que é quando nasce. Eu acompanho, sei que sou pai já, mas aquela emoção eu acho que só vou ter quando ela nascer.

P: E como você pensa que será quando ela nascer?

Acho que vai ser muito legal, eu gosto de criança, tenho um sobrinho, sempre o acompanhei desde quando nasceu. Eu tenho mesmo vontade de ser pai.

P: E o que você acha que vai mudar em sua vida com o nascimento dela?

Eu acho que a gente vai começar a colocar rotina na nossa vida, horários, coisas que a gente não tem hoje. Por ser só nós dois, a gente não tem assim, uma rotina. Tem o dia a dia normal, a gente não segue uma programação certa. Vai ser diferente, vai ter que ter um tempo para ela, final de semana. A gente não tem um cronograma para a semana inteira, e a partir do nascimento dela a gente vai ter que ter né. Eu acho que vai ser mais corrido, mas com o tempo a gente vai administrar isso.

P: Me fale um pouco sobre como foi a relação com seu pai...

Não foi muito boa não. Eu já não tenho tanto contato com ele. Eu cresci com o meu pai até os dezessete anos, aí depois que o meu pai se separou da minha mãe...aí fica sempre aquela mágoa né, por ele ter ido embora, por ter deixado a minha mãe...e hoje ele tem outra família,

tem outro filho, eu tenho uma irmã por parte de pai. Mas ele não mora aqui, ele mora no interior.

P: Então não existe muito contato entre vocês?

No início do ano eu fui na casa dele. Acho que eu tenho até mais contato com ele agora do que eu tinha antes. Depois que ele se mudou que a gente começou a ter mais contato. Mas o meu pai sempre foi “secão”, distante, durão. Nunca se abriu muito para conversar com os filhos. Meu pai era mais de trabalhar, vir para casa...era assim a rotina dele. A gente não teve muito contato. Não era que nem hoje, que o pai abraça o filho, beija, não, nunca teve isso. Hoje eu vejo que isso é diferente, eu tenho amigos que têm filhos e é diferente. Eu vejo os pais mais presentes, não tem aquela distância que tinha antigamente, eu não sou tão velho assim, mas existia na minha época. Aquele pai que não se aproxima muito, conversa só o necessário, pelo menos pelo que eu vejo com os meus sobrinhos, eu vejo que não é mais assim.

P: Do que mais você se lembra desta época com seu pai?

Eu lembro que o meu pai saía com a gente, quando ele ia na casa de alguém levava a gente junto, quanto isso eu não posso reclamar. Ele nunca deixou faltar nada. Ele não dava tudo o que a gente queria, ele segurava um pouco. Não era assim, “eu quero aquela bicicleta”, e ele ia lá e comprava. Não, não era assim. Eu acho mesmo que o pai não pode ser muito mão aberta, não pode dar tudo o que a criança quer, senão ela acaba crescendo de uma outra forma. Você tem que fazer com que ela conquiste aquilo que ela quer. Eu não culpo o meu pai por ter feito isso. De tudo o que eu faço hoje, eu que vou atrás e corro, eu não tenho nada de mão beijada. É isso que faz com que você seja uma pessoa de caráter.

Eu não posso falar que eu não tive uma educação boa. Meu pai sempre me incentivou a estudar. Tanto ele como a minha mãe. Só que eu não fiz faculdade, é algo que eu gostaria de ter feito.

P: E o que você gostaria de ter estudado?

Eu queria ter feito engenharia. Engenharia ou arquitetura, por que eu gosto de desenhar.

P: E você ainda pensa em fazer a faculdade?

Eu até penso...a minha esposa fica falando para eu fazer. Eu gosto de estudar, desde pequeno, eu gostava. Eu nunca fui para a escola forçado.

P: E como você pensa que será com a sua filha, em relação a isso, aos estudos?

Eu vou dar todas as oportunidades para ela, no que eu puder ajudar, incentivar...o que ela quiser fazer, está apoiada.

P: Me fale mais sobre isso, como seria para você, esta questão da faculdade para ela?

Se ela quiser fazer, eu vou apoiar, mas só se ela quiser né... ninguém faz nada forçado. É só isso mesmo.

P: Então você pensa em apoiar as escolhas dela?

É...mas hoje em dia eu acho que isto está mais complicado, a adolescência hoje não é com na minha época, que era mais tranqüila. Hoje, com treze anos já estão saindo, balada. Eu acho que essa parte vai ser mais complicada.

P: Você falou que os pais hoje estão diferentes, porque você acha que isso aconteceu, essa mudança?

Eu não sei, não sei te responder...porque nem todos os pais são assim...mas a gente vê que para os pais da minha faixa etária, hoje tem aquela proximidade.

P: E como é para você esta questão da proximidade?

Eu sou bem diferente do meu pai, no jeito de pensar, na maneira de agir. Meu pai era caladão, quase não falava, falava só o necessário mesmo. Eu vou ser totalmente diferente dele, pretendo ser, dar mais atenção, ser mais carinhoso. Eu acho que ele podia até se assim,

mas não demonstrava. Hoje quando eu vou na casa dele, ele começa a chorar. Antigamente ele era mais secão mesmo, mais rigoroso. Era o jeitão dele.

Terceira entrevista

Data: 25/05/10

Entrevistado: Felipe, 37 anos, engenheiro.

Esposa: Emília, 33 anos, matemática.

Gestação: 32 semanas

Duração da entrevista: 1 hora e 10 minutos

P: Como tem sido a experiência da gravidez para você?

A gente teve uma primeira gestação, que a minha esposa perdeu o neném. Em 2008 a gente teve esta primeira gestação, durou até a 12º semana, mas o neném só se desenvolveu até a 10º. Então esta é a segunda gestação, mas é o primeiro filho. Então assim, está sendo difícil, porque a gente está com uma expectativa muito grande. Primeiro porque nos primeiros meses a gente estava com muito medo de acontecer algum problema, a gente tem esse medo durante toda a gravidez. É complicado, porque no começo a gente nem se permitiu curtir a gravidez, a gente estava mais preocupado do que outra coisa. Só agora, nesse finalzinho, há dois meses, que a gente começou a curtir a comprar roupinha, a fazer tudo. Então, a gente não vê a hora, porque vai ser uma coisa muito boa, e ao mesmo tempo um alívio, por ter dado certo, depois de ter acontecido um problema. E a gente está numa idade que para os médicos...acho que para a mulher é mais complicado...para ela é uma idade limítrofe, daqui a uns dois anos já é considerada uma idade de risco para engravidar. Então hoje a gente está mais na expectativa do que outra coisa, acho que a felicidade vai vir mesmo depois que nascer, na hora em que estiver tudo bem. A gente não sabe como vai ser daqui para a frente, mas a gente pensa em ter pelo menos mais um filho. A gente pensa em adoção. Eu queria ter mais um filho, e depois adotar mais outro, mas eu não sei se isso vai acontecer.

P: O que te faria deixar de ter um segundo filho?

Eu acho que seria pelo fator financeiro. Mas por outro lado, eu não me preocupo com isso, em relação à criação do meu filho, não acho que esse seja um fator importante. Eu não tinha dinheiro quando era criança, estudei em colégio público, isso para mim não faz tanta diferença. Mas eu não sei até que ponto isso vai afetar a nossa vida hoje em dia. Hoje eu e minha esposa, a gente tem um nível social maior do que quando eu era mais novo, então, eu não sei qual é a expectativa que a gente vai criar em cima disso. Eu acho que até com dois filhos a gente consiga manter um nível social bom. Com três filhos, eu não sei.

P: Você acredita que as necessidades do seu filho vão ser diferentes da sua, no sentido financeiro?

Eu acho que não, eu acho que hoje a preocupação dos pais é maior, no sentido de poder prover uma vida...como é que eu vou dizer... mais cheia de oportunidades. Morar em São Paulo hoje...eu converso com as pessoas, e é um absurdo o que as pessoas pagam por exemplo, para colégio, para creche, esse tipo de coisa. E aí eu também não quero, tipo, eu vou ter três filhos, mas aí eu não posso colocar os meus filhos na melhor escola, vou ter que colocar na pior...que nem eu te falei antes, eu não acho que isso seja um influenciador total, mas, se eu puder dar o melhor, que seja o melhor.

P: Me fale um pouco mais disso, sobre o que você espera proporcionar a ele?

Eu espero que ele tenha saúde, o que eu posso oferecer para ele é saúde, acho que o resto...não tenho grandes expectativas de nada, eu espero que ele seja feliz, no que ele escolher fazer. Eu não tenho nenhuma diretriz de vida, que ele deva seguir o que eu fiz. Eu não sei se eu vou conseguir, mas eu acho que é uma outra vida, uma história de vida que é dele. Eu quero tentar manter a minha individualidade também e não querer fazer assim, viver em função completamente do filho. Eu não sei se isso vai ser possível, porque pelo que as pessoas falam, não é. Mas não acho que ele deva trabalhar onde eu trabalho, ou fazer o que eu faço.

P: Qual a sua função na empresa hoje?

Hoje eu sou gerente de vendas.

P: E a sua esposa? Qual a profissão dela?

Ela trabalha na mesma empresa, na mesma área que eu. Nós nos conhecemos na empresa. Nós podemos dizer hoje que alcançamos um sucesso na vida, nós nunca passamos necessidades, mas hoje temos uma condição de vida melhor do que tínhamos no passado. Os dois têm curso universitário, pós graduações. Eu acho que isso é uma coisa boa. Eu valorizo muito o estudo. O que eu quero dar para o meu filho é a oportunidade de estudar. Mas não sei se na área que eu atuo. Eu sou engenheiro, minha esposa é matemática, mas se ele quiser fazer, sei lá, Artes, ou Educação Física, Direito, para mim tanto faz, eu quero dar direito para ele escolher o que ele quiser. E poder estudar. Acho que a única coisa que eu vou exigir da criança é isso, estudar. Eu acho que hoje existe faculdade para tudo, mesmo que você tenha um dom, por exemplo, eu tenho um amigo que ele adora tocar baixo, desde adolescente, e ele fez uma faculdade de baixo. Então eu acho que hoje, mesmo você tendo um dom, você pode desenvolver com estudo. Eu não vou ligar se ele for um atleta, se ele quiser ser um jogador de futebol, um jogador de basquete, sei lá, e não queira fazer uma faculdade, isso é normal, mas ele tem que demonstrar que essa é a área dele. Não dá para ser, por exemplo, ah, quero ser um campeão de natação, mas eu vou sair todo dia pra balada, por exemplo, não dá. Tem que ter dedicação. A minha mãe falava muito para mim: “A vida é sua. Eu já estudei, já me casei, já tive filho. Agora você tem que formar a sua vida. Então, se você quiser passar, você passa, se não quiser passar, você vai repetir. Se repetir, você vai ficar parado no tempo.” Então ela jogava muito em cima de mim uma pressão, mas que não era pelo prêmio. Não era assim, passe e ganhe uma viagem para a Disney. Até porque a gente nem tinha condições de fazer isso. Isso não existia. Então ela dizia : “Crie sua vida”. Então, o que eu quero falar para o meu filho é isso, é sua vida, é sua escolha, agora, quando eu não estiver mais aqui, quando eu não puder mais te prover casa, comida, o que você vai fazer?

P: Me fale um pouco sobre como foi o relacionamento com o seu pai...

O relacionamento com o meu pai, na primeira infância, eu acho que foi a melhor parte. Mas o meu pai teve um problema, ele era alcoólatra. Ele morreu muito cedo. Então, eu só convivi com ele até os quinze anos. E eu tenho uma irmã que tem três anos a menos do que eu. Então, ela conviveu com ele até os doze anos. Então, para mim, a infância foi muito difícil, dos dez

até os quinze anos. Anteriormente a gente não lembra muito, mas a minha mãe conta que não era tão crítico. Mas quando eu atingi por volta de dez anos, a doença dele ficou muito ruim. Então, para mim e para a minha irmã foi muito crítica esta fase. Do ponto de vista financeiro nem tanto, como eu te falei. Eu morava na zona sul do Rio, tinha uma vida boa, mas não tinha luxo, não tinha carro, estudava em colégio público, não tinha dinheiro para esbanjar, não ia a restaurantes. Não passei nenhuma necessidade, minha vida era normal, ia à praia, ia o cinema... mas não tinha nenhum luxo. Mas eu tinha televisão, telefone, tudo o que uma família de classe média tinha. Por isso que eu te digo, eu sei que não é um fator determinante, porque eu estudei em colégio público a vida inteira, nunca tive dinheiro para esbanjar, e não tive nenhum problema.

P: Na relação com o seu pai, existia proximidade?

Existia, é como eu te falei, ele foi muito afetado por conta deste problema dele, mas a gente tinha bons momentos...eu lembro do meu pai me levar no zoológico, no maracanã, ele gostava muito do Flamengo, a gente ia aos jogos juntos, a gente viajava, então a relação foi normal até determinado ponto. Depois é que ficou muito abalada.

P: Eu gostaria de saber o que você traria desta experiência com o seu pai para a relação com o seu filho, e se existe algo que você gostaria de mudar, fazer diferente?

O meu pai sempre me influenciou para os estudos, para o esporte, sempre procurava estar junto da gente, viajando, então eu acho que este tipo de coisa eu vou manter, eu acho importante isso, estar presente. A minha mãe não trabalhava, então a minha mãe estava muito presente na nossa vida. Hoje, isso não vai acontecer, tanto eu como a minha esposa, a gente vai trabalhar fora. Não sei como vai ser esse convívio... porque hoje, a gente trabalha aqui, aí volta para casa e continua trabalhando, às vezes a gente viaja a trabalho... não sei muito bem como é que vai ser isso. O que a gente vai tentar é fazer com que os momentos que a gente passe com a criança seja dedicado à criança.

P: Você acha então que será mais difícil dedicar o tempo que o seu pai pode dedicar à você?

Com o meu pai não, eu acho que talvez a proximidade que a minha mãe teve comigo é que vai ser difícil. Porque a minha mãe passava o dia inteiro comigo, e o meu pai trabalhava né. Era outra época também, eu acho que a convivência que o meu pai teve com a gente foi maior, porque o meu pai chegava em casa às cinco, seis horas da tarde, hoje eu chego em casa oito, nove da noite, e a minha esposa também. Então, eu não sei, eu vou ter que mudar a minha agenda, adaptar a minha agenda ao filho.

P: O que você acha que isso pode trazer, para a relação com o seu filho, esta falta de tempo, você acha que isso pode afetar o relacionamento de alguma maneira?

Eu acho que hoje isso é muito comum né. Eu acho que quanto mais comum a vida dele for em relação às outras crianças, eu acho que não vai afetar negativamente não. Porque os coleguinhas dele, a maioria vai ser assim também. É difícil hoje encontrar um casal onde os dois não trabalhem, e não tenha que ter uma babá, etc. Eu acho que se você não deixar que isso seja tão importante, eu acho que não afeta não.

P: Vocês pretendem deixá-lo aos cuidados de uma babá?

Sim, uma babá ou em creche. A gente tem alguns exemplos de crianças que ficam com babás e de outras que ficam em creche, e a gente percebe que as que ficam em creche, desde pequenos já têm uma certa, digamos, uma independência, entre aspas né. Porque a gente acha que as crianças que convivem com outras crianças desde o começo, ela é mais sociável, ela é mais independente, eu acho que é importante isso. Ela consegue se socializar melhor, do que uma criança que fica o tempo todo com a babá, ou só com os pais.

P: Uma relação de proximidade seria mais difícil com pouco tempo disponível para o filho?

Eu acho que sim, tanto é que eu tenho um plano, para quando ele tiver uns dez anos, eu quero diminuir a minha carga de trabalho. Porque eu acho que é uma época que é mais... quando é criança eu acho que não afeta tanto, mas por volta desta idade, por volta de oito ou dez anos, vale a pena você investir mais no tempo com o seu filho. Eu vou procurar flexibilizar a minha carga de trabalho para isso. Não sei se vai ser possível, é um plano, mas é o que eu penso.

P: Tem algo que você gostaria que fosse diferente, na relação com o seu filho, do que foi com o seu pai?

A experiência que eu tive com o meu pai, são poucas coisas que eu lembro né, porque a fase boa foi durante pouco tempo...assim, mas ele foi um bom pai, enquanto ele estava mais lúcido, digamos assim, acho que eu não mudaria nada não, ele sempre se dedicou à gente e tal, lógico, tirando a parte do alcoolismo claro, mas isso é uma doença, então eu não fui... eu não tenho esse problema. Agora é difícil falar né, eu não sei o que vai acontecer daqui a cinco, seis anos, eu não sei o que a minha esposa vai... como é que ela vai atuar com a maternidade, como é que eu vou trabalhar com a paternidade, mas a princípio, eu quero conviver com ele, quero estar com ele, quero influenciá-lo para as boas coisas, mas eu também quero que ele saiba, olha, não dá para eu ficar aqui, vinte e quatro horas com você, não tem condição. Desde pequeno, acho que ele tem que aprender isso. Mas eu acho que não vai ser um grande problema por conta dos exemplos. Por exemplo, na minha época tinha um dogma que eram os filhos de pais separados. Os adultos influenciam muito né. Eu lembro da minha mãe dizendo essa frase, filho de pais separados, era uma coisa horrível naquela época, era quase como se fosse sei lá, uma mancha na criança. A gente não podia nem conviver com essas crianças, porque era, sei lá, um lar desfeito. Se eu fosse filho de pais separados naquela época, talvez eu sofresse preconceito, e aí me sentiria diferente.

Sei lá, eu acho eu não existe fórmula, tem que fazer de um jeito, ou tem que fazer de outro, eu não sou assim, não sei se é porque eu sou engenheiro, e por isso eu sou mais pragmático, mas eu acho que você tem que conviver com as coisas que você tem. Tipo, eu vivi desde os quinze anos sem pai, ok, você vai fazer o que. É assim, não tem o que fazer. Vai em frente. Siga a vida. Ah, mas eu queria que os meus pais trabalhassem menos, ficassem mais comigo, você queria, mas você não pode. Não dá, e você vai ter que conviver com isso. Acabou. Ou seja, é não deixar crescer na cabeça da criança a idéia de ah, eu sou um coitado, ah, o meu pai... não, é cortar o negócio pela raiz. Não vai criar um trauma em cima disso, porque é assim que vai ser.

P: Você acha que algo teria sido diferente se você tivesse passado mais tempo com o seu pai?

Eu acho que sim. Sempre influencia de alguma maneira. Não sei o que, mas... desde pequeno eu sempre soube o que eu queria. Conforme vão acontecendo coisas na minha vida, eu não

tenho muitas dúvidas. Eu escolho um caminho e sigo. Eu não tenho grandes dramas. Eu tenho certeza que seria diferente, mas e não sei o que, é difícil avaliar isso. Talvez ele influenciasse mais a minha irmã do que eu, não sei. Minha irmã é mais influenciável. Não sei se foi por meu pai ter sido assim, eu não sou influenciável pelas opiniões de nenhuma pessoa. Como desde pequeno eu tive esse problema com ele, eu acho que criou, não sei se uma “casca”, eu criei um padrão de comportamento, que eu não me importo com o que os outros falam, ou os outros acham. Se eu acho que aquilo é certo, e eu acho que eu tenho que fazer aquilo, eu faço e acabou. Talvez eu tenha sido influenciado pela doença dele porque a gente acabou tendo que se proteger muito, eu e minha mãe. A gente vivia muito sozinho, e era muita crítica, as pessoas falavam coisas que não tinham nada a ver, ah, seu pai bebe por isso, seu pai bebe por aquilo, ah, sua mãe não cuidou direito do seu pai, por isso que ele bebe. E na fase da adolescência eu comecei a ver que isso era uma idiotice, isso não existe. Que as pessoas não sabem do que estão falando. Na maioria das vezes a pessoa quer orientar a sua vida sem saber do que está falando. Então, eu não tenho esse problema. Isso até torna a convivência difícil com as outras pessoas. Porque eu ligo para a opinião dos outros, mas primeiro é a minha. Primeiro, a minha felicidade, depois a dos outros. Eu falo para a minha esposa, nossa família sou eu, você, e o neném, e o gato que a gente tem. Essas quatro entidades têm que estar felizes primeiro, depois são os outros. Quero tentar agradar a todo mundo, mas como é impossível, primeiro vem quem está mais próximo, que somos nós três. A minha esposa se choca um pouco com isso, ela fala, ah o que a minha mãe vai pensar, e eu falo para ela, se eu tentar agradar ao seu pai, à sua mãe, sua irmã, se eu tentar agradar todo mundo, no final com certeza eu não vou estar feliz. Então, isso é outra coisa que eu vou tentar passar para o meu filho também. Respeite todo mundo, mas o que é que você quer.

P: Finalizando, tem algo que você gostaria de acrescentar, que eu não tenha perguntado?

Eu acho que no final, eu tenho uma expectativa muito grande, eu acho que vai ser muito legal, acho que vai ser muito bom, para todos nós. É o primeiro neto de ambas as famílias, acho que ele vai ser muito mimado, e eu me preocupo muito com opiniões da minha mãe, da minha sogra e do meu sogro porque eles são muito religiosos, muito católicos, meio retrógrados, isso me preocupa um pouco. Como é que eu vou blindar a criança para acreditar no que eu acredito, no que eu acho certo, sem deixar ser influenciado pelos avós, mas ao mesmo tempo sem tirar o convívio, que eu acho muito importante, o convívio com os

avós. As duas famílias são muito religiosas, e eu não sou nada religioso. Isso para mim é o primeiro problema que eu vejo. Eu não concordo com esse negócio de comunhão, tipo, você dar uma óstia para uma criança de oito anos, dizer que é o corpo de cristo que ela ta recebendo, pra receber uma salvação, eu ficava pensando, o que que é isso, beber o sangue de cristo, eu não queria beber o sangue de ninguém, nem comer o corpo de ninguém. Sabe, eu não entendia o que era aquilo, eu acho esse tipo de coisa uma pressão muito forte pra uma criança. Eu acho que quando a pessoa tiver dezesseis anos, que já tiver um discernimento, olha só, tem catolicismo, espiritismo, budismo, umbandismo, sei lá que ismo, você escolhe o que você quiser. Agora, com dezesseis anos, leia os livros, busque, e veja no que você acredita. Agora, com oito anos! Uma criança não está preparada para esse tipo de coisa. A religião é um exemplo, existem outras coisas que uma criança não está pronta para receber.